ÍNDICE

PRIMEIRA PÁGINA
DEDICAÇÃO
MIRAR
UM
DOS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
UMA VEZ
DOCE
PASSAR
QUATORZE
QUINCE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA

TRINTA RÁPIDO
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E
DOIS QUARENTA
E TRÊS
QUARENTA E
QUATRO QUARENTA
E CINCO QUARENTA
E SEIS QUARENTA E
SETE QUARENTA E
OITO QUARENTA E
NOVE CINQUENTA
CINQUENTA E UM
CINQUENTA E
DOIS CINQUENTA
E TRÊS
CINQUENTA E
QUATRO CINQUENTA
E CINCO CINQUENTA
E SEIS CINQUENTA E
SETE CINQUENTA E
OITO CINQUENTA E
NOVE SESSENTA
SESSENTA E UM
SESSENTA E DOIS
SESSENTA E TRÊS
SESSENTA E
QUATRO SESSENTA

E CINCO SESSENTA
E SEIS
SESSENTA E SETE
SESSENTA E OITO
SESSENTA E
NOVE SETENTA
SETENTA E UM
SETENTA E DOIS
SETENTA E TRÊS
SETENTA E
QUATRO SETENTA
E CINCO SETENTA
E SEIS
SETENTA E SETE
SETENTA E OITO
SETENTA E NOVE
OITENTA
OITENTA E UM
OITENTA E DOIS
OITENTA E TRÊS
OITENTA E QUATRO
OITENTA E CINCO
OITENTA E SEIS
OITENTA E SETE
OITENTA E OITO
OITENTA E NOVE
NOVENTA
NOVENTA E UM
NOVENTA E DOIS
NOVENTA E TRÊS
NOVENTA E
QUATRO NOVENTA
E CINCO NOVENTA E
SEIS NOVENTA E
SETE NOVENTA E
OITO NOVENTA E
NOVE CEM

CENTO E UM
CENTO E DOIS
CENTO E TRÊS
CENTO E
QUATRO CENTO
E CINCO
CENTO E SEIS
CENTO E SETE
CENTO E OITO
CENTO E NOVE
CENTO E DEZ
CENTO E ONZE
CENTO E DOZE
CENTO E TREZE
CENTO E QUATORZE
CENTO E QUINZE
CENTO E DEZESSEIS
CENTO E
DEZESSETE CENTO
E DEZOITO CENTO E
DEZENOVE CENTO E
VINTE CENTO E
VINTE E UM
CENTO E VINTE E DOIS
CENTO E VINTE E TRÊS
CENTO E VINTE E
QUATRO CENTO E
VINTE E CINCO
CENTO E VINTE E SEIS
CENTO E VINTE E SETE
CENTO E VINTE E OITO
CENTO E VINTE E NOVE
CENTO E TRINTA
CENTO E TRINTA E UM
CENTO E TRINTA E DOIS
CENTO E TRINTA E TRÊS
CENTO E TRINTA E

QUATRO CENTO E TRINTA
E CINCO CENTO E TRINTA E
SEIS CENTO E TRINTA E
SETE CENTO E TRINTA E
OITO CENTO E TRINTA E
NOVE CENTO E QUARENTA
CENTO E QUARENTA E UM
CENTO E QUARENTA E
DOIS CENTO E QUARENTA
E TRÊS
CENTO E QUARENTA E
QUATRO AGRADECIMENTOS
NOTAS
CRÉDITOS

Visita **Planetadelibros.com**e descubra uma nova maneira de desfrutar da leitura.

Cadastre-se e acesse conteúdo exclusivo!
Primeiros capítulos
Trechos de publicações futuras
Clubes de leitura com os autores
Concursos, sorteios e promoções
Participar em apresentações de livros

PlanetadeLibros

Compartilhe sua opinião na página do livro.
e em nossas redes sociais:

Para meu filho, meu amigo de alma, que me dá presentes todos os dias. Todas aquelas memórias que eu havia perdido.

Para minha querida filha, Isso me faz rir de felicidade.

"Amor é quando a felicidade de outra pessoa é mais importante que a sua própria."

H. JACKSONBREDONDO

UM

Contemplo o mar deste quarto. Agora, tudo me pertence: o terraço que desce suavemente até as rochas, os degraus arredondados, os chuveiros externos, protegidos por azulejos amarelos e azuis adornados com limões desenhados à mão, o mármore em frente à janela que reflete o horizonte. Algumas ondas, rebeldes, ainda não acostumadas à minha presença, ou talvez para celebrar meu retorno, quebram contra as rochas que mantêm a casa empoleirada naquela parte espetacular e elevada da costa. O sol está se pondo e sua luz banha de vermelho as paredes atrás de mim e as da sala de estar. Exatamente como naquele dia, nove anos atrás.

—Você mudou de ideia? Não quer mais comprar a casa?

O dono me olha com uma expressão interrogativa. Então ele abre os braços, sereno, calmo e tranquilo.

"Você tem toda a liberdade para fazer o que quiser; afinal, quem paga é você. Mas, se ainda não estiver convencido, terá que me pagar o dobro do depósito ou se envolver em um daqueles processos judiciais que, dada a minha idade, tenho certeza de que não verão um centavo do meu dinheiro." Eu o encaro, divertido. O velho é mais esperto que uma criança. Ele franze a testa. "É claro que, se você tem segundas intenções, não terá pressa. Sem dúvida, conseguirá o que quer, passando por cima de mim, mas não

dos meus filhos ou netos. Você sabe como os processos judiciais podem se arrastar na Itália!" Uma tosse profunda e cansada o acomete, obrigando-o a fechar os olhos e terminar seu sermão como o último senador romano.

Ele respira fundo por um instante, recosta-se na cadeira de tecido, esfrega os olhos e os abre.

—Mas você quer esta casa, não é?

Sento-me ao lado dele e pego os papéis à minha frente. Assino as páginas com minhas iniciais sem nem mesmo olhar; meu advogado já revisou tudo. E assino a última página.

—Então, a compra?

—Sim, não mudei de ideia, consegui o que queria...

O dono reúne os documentos e os entrega ao seu homem de confiança.

"Tenho que lhe dizer a verdade: eu teria aceitado até metade do dinheiro." "Eu também quero lhe dizer a verdade: eu teria pago o dobro."

Ele então se levanta, caminha até um antigo armário de madeira, abre-o, pega uma garrafa de champanhe da geladeira e, com algum esforço, destampa-a com genuíno prazer e satisfação. Em seguida, serve o champanhe em duas taças altas. "Será que eu teria mesmo pago o dobro?"

-Sim.

—Você não está dizendo isso para me irritar?

"E por que eu faria isso? Eu gosto dele; ele até me convida para tomar um champanhe excelente." Pego a taça enquanto falo. "E está na temperatura perfeita, exatamente como eu gosto. Não, eu certamente não queria chateá-lo."

—Hum.

O dono ergue o copo em minha direção e em direção ao céu.

"Eu já disse ao meu advogado que poderíamos ter pedido mais..." Dou de ombros e não digo nada, nem sequer menciono os dez mil euros que dei ao advogado dele para convencê-lo a aceitar a oferta. Percebo o olhar preocupado dele sobre mim; não sei o que se passa na cabeça dele. Ele balança a cabeça e sorri com confiança.

"Fiz um bom negócio, estou satisfeito... Vamos brindar à felicidade que esta casa trará." Com determinação, ele leva o copo aos lábios e bebe tudo de uma vez. "Com licença, estou curioso. Como você conseguiu prioridade na compra da casa assim que a coloquei à venda?"

—Você conhece o Vinicio, o supermercado lá embaixo na rua...?

—Sim, claro.

—Bem, digamos que tenho um relacionamento com o dono há bastante tempo...

—Você estava procurando uma casa nesta região?

—Não, eu queria saber quando ele decidiria vender o dele.

—Esta em particular? Esta e nenhuma outra?

—Esta aqui. Esta casa deveria ser minha.

E num instante volto no tempo.

Babi e eu nos amamos. Naquele dia, ela estava em Fregene, em Mastino, comemorando os cem dias restantes para as provas com toda a sua turma. Ela me viu chegar de moto e veio até mim com aquele sorriso que iluminava todas as minhas sombras. Eu a segui, tirei o lenço azul que eu havia roubado dela e cobri seus olhos. Então ela subiu na garupa, agarrada a mim, e com a música de Tiziano Ferro nos ouvidos, seguimos pela costa de Aurélia até chegarmos a Feniglia. O mar prateado, os arbustos de giesta, os arbustos verde-escuros, e então aquela casa sobre as rochas. Parei a moto, descemos e, num instante, encontrei uma entrada. Lá estava ela, caminhamos pela casa dos sonhos de Babi. Parecia inacreditável, como se eu a estivesse vendo. Segurei sua mão, no silêncio daquele dia, enquanto o sol se punha, ouvindo apenas a brisa do mar e nossas palavras ecoando por aqueles cômodos vazios.

—Step? Onde você está? Não me deixe aqui sozinha! Estou com medo...

Então eu pego em suas mãos e, por um instante, ele se assusta.

-Sou eu...

Ela me reconhece, se solta, parece mais calma.

—O mais estranho de tudo é que eu deixo você fazer o que quiser comigo... —Quem me dera!

"Idiota!" Ele continua com a venda nos olhos e soca o ar, mas finalmente acerta meu ombro e me atinge em cheio.

—Ah! Quando você se empenha em algo, pode fazer mal!

"Com certeza... mas o que eu queria dizer é que parece absurdo estar aqui. Nós invadimos uma casa por uma janela, e eu estou fazendo tudo isso com você, sem discutir, sem reclamar, e, como se não bastasse, não consigo ver nada, então estou confiando em você..."

—E não é maravilhoso poder confiar completamente em outra pessoa? Entregar-se inteiramente nas mãos dela, confiar-lhe qualquer incerteza, qualquer dúvida, assim como você está fazendo comigo? Acho que é a coisa mais linda do mundo.

—E você? Você também se entregou a mim?

Permaneço em silêncio por um instante, contemplando seu rosto, seus olhos ocultos pelo lenço. Então a vejo soltar as minhas mãos e ficar assim, suspensa no ar. Imóvel, independente, sozinha. Então decido me abrir para ela. "Sim, comigo também é assim. Eu me entreguei a você também. E é lindo."

"No que você está pensando? Você parece tão distraído... Volte aqui, seja feliz, você acabou de comprar a casa que queria, não é?"

—Você tem razão, voltei no tempo para uma doce lembrança. Estava saboreando aquelas palavras que às vezes dizemos aleatoriamente quando somos jovens. Não sei por quê, mas tive um pensamento bobo. Como se eu já tivesse vivido esse momento.

—Ah, sim, um*já viu*Isso acontece comigo também!

Ele pega no meu braço e vamos até a janela.

—Veja como o mar está lindo agora.

Eu sussurro um "Sim", mas, para ser honesta, não entendo muito bem o que ele quer dizer, ou por que nos mudamos.

O aroma intenso que emana de seus cabelos volumosos me domina. Será que um dia serei assim? Será que hesitarei assim ao me mover? Meus passos serão hesitantes e incertos? Será que minha mão tremerá como a dela enquanto ela me revela mais alguma informação misteriosa?

—Olha ali... Enfim, agora que você comprou a casa, está vendo aquela escadinha que leva até o mar?

-Sim.

"Bem, eles chegaram lá há muito tempo! É um pouco perigoso porque às vezes eles vêm pelo mar, devem ter cuidado se decidirem vir morar aqui", diz-me ele com a astúcia de alguém que se manteve em silêncio conscientemente.

—Mas quem chegou por mar?

"Acho que era um casal jovem, mas talvez fossem mais. Quebraram uma janela, reviraram a casa, destruíram tudo e, como se não bastasse, profanaram minha cama. Havia vestígios de sangue. Ou sacrificaram um animal ou a mulher foi..."
virgem!

E, enquanto ria baixinho ao dizer essas palavras, ela se engasga com uma risada extra. Então, ela continua sua história:

—Encontrei uns roupões molhados, eles se divertiram bastante, levaram uma garrafa de champanhe que eu tinha deixado na geladeira e beberam tudo, e além disso, roubaram joias, prataria e outros objetos de valor, totalizando cinquenta mil euros... Por sorte, eu tinha seguro! —E ele me olha, orgulhoso da sua história incrível.

"Sabe, Sr. Marinelli, eu teria preferido não saber. Talvez o senhor não devesse ter me contado..."

"Por quê?" Ele me olha com curiosidade, surpreso, perplexo com minhas palavras, até um pouco irritado. "Porque agora você está com medo?" "Não, porque você é uma

mentirosa. Porque eles não chegaram por mar, porque a garrafa de champanhe foi trazida de casa, porque nada foi roubado de você, e o único dano que talvez tenham causado foi quebrar aquela janela ali..." Aponto para ela. "Ao lado da porta."

"Como ousa duvidar das minhas palavras? Quem você pensa que é?" "Eu? Ninguém. Apenas um rapaz apaixonado. Entrei nesta casa há nove anos, bebi um pouco do meu champanhe e fiz amor com a minha namorada. Mas não sou ladrão e não roubei nada. Ah, sim, talvez tenha pegado emprestado dois roupões..."

E a imagem de Babi e eu brincando de inventar nomes com as iniciais bordadas naqueles roupões felpudos, um "A" e um "S", me vem à mente. Depois de competir para ver quem conseguia inventar os nomes mais estranhos, decidimos por Amarildo e Sigfrida e os deixamos de lado.

—Ah... então você sabe a verdade?

—Sim, mas quer que eu lhe diga mais uma coisa? Só você e eu sabemos, e o mais importante é que ele já me vendeu a casa.

DOS

Um dia, não um dia qualquer, algum tempo atrás.

Giuliana, minha secretária, me acompanha todas as manhãs com seu bloco de notas, no qual anota todas as tarefas importantes.

—Lembro-lhe que você tem um compromisso daqui a meia hora no Prati, na Rete, para a compra do seu programa; depois, almoço com De Girolami.

Ele percebe que eu não reconheço aquele nome e vem em meu auxílio:

—Ele é o autor que trabalha para a televisão grega.

—Ah, sim, cancele, não vamos assinar com eles, recebemos uma proposta mais vantajosa da Polônia.

—E o que devo dizer a ele? Ele provavelmente vai me perguntar...

—Não diga nada.

De Girolami levou um mês para conseguir essa consulta, e imagino que agora que finalmente a conseguiu, não ficará nada contente em vê-la desaparecer assim, sem qualquer motivo aparente. Ela permanece em silêncio, aguardando minha resposta. Mas não tenho solução para De Girolami, e muito menos para ela.

—A comida está guardada; o que mais temos para hoje?

—Você tem um compromisso nos estúdios Dear, então, às seis da tarde, você precisa ir a esta exposição; é muito importante porque você mesma me pediu para lembrá-la de que não poderia perdê-la. —Giuliana me entrega o convite, e eu o viro nas

mãos—. Balthus, Villa Medici.

—Quem enviou isso?

—Foi-me entregue pessoalmente, você é o único destinatário.

Não há nada escrito, nenhum carimbo, nenhuma assinatura, nenhum bilhete acompanhando. Deve ser uma daquelas típicas festas de inauguração organizadas por Tiziana Forti ou, pior ainda, por Giorgia Giacomini, frequentadas por críticos de arte, mulheres estranhamente perfumadas e com maquiagem carregada, mas também por produtores e diretores de redes e programas de televisão; as pessoas certas para fazer negócios, especialmente em uma cidade como Roma.

—Não me lembro dessa exposição. Tem certeza?

—Sim, quando você me contou, eu perguntei: "Preciso anotar algo em particular?" E você, como sempre, simplesmente respondeu: "Sim, que eu preciso ir àquela exposição."

Guardo o convite no bolso e pego a pasta de couro preta que contém os diversos formatos de apresentação para a reunião com a Rede.

—Se surgir alguma coisa, ligue para o meu celular.

Saio do escritório. Giuliana fica me encarando.

Para mim, aquela exposição era apenas o último compromisso do dia. Para ela, significava embolsar quinhentos euros e contar uma pequena mentira inofensiva. O que quer que acontecesse depois não era da sua conta. Eu não fazia ideia de quão enganada ela estava em relação a ambas as coisas.

TRÊS

Entro na sala grande do sétimo andar, onde o diretor está me esperando junto com outras pessoas.

—Bom dia, Stefano. Por favor, sente-se...

Ele me obriga a sentar no meio da sala de reuniões.

—Posso lhe oferecer um café?

—Encantado.

Ele imediatamente disca um número no telefone preto que está na beira da mesa e faz o pedido.

"Que bom te ver", diz ele, e se vira para um gerente de área sentado na outra ponta da mesa.

Então ele olha para mim novamente e acrescenta, sorrindo:

—Eu ganhei a aposta: jantar ou almoço para dois. Ele não achava que você viria.

O gerente regional me olha sem sorrir. Permanece em silêncio, mexendo nas unhas de suas mãos terrivelmente afiadas. Dizia-se dele, de Mastrovardi, que fora colocado ali por um político que morrera no dia seguinte à sua nomeação, deixando para a empresa este adorável presente: um gerente regional tão inútil quanto sinistro. Ele tem nariz adunco, pele amarelada como se nunca tivesse se recuperado de uma icterícia primária e, para completar, vem de uma família de coveiros. Não se sabia se tudo isso fazia parte da lenda, mas no funeral de Di Copio, o político que o nomeara para a empresa, Mastrovardi estava quase irreconhecível em seu terno cinza de abotoamento duplo. Ele organizara a cerimônia nos mínimos detalhes, sem poupar despesas, embora, segundo ele, não tivessem sido gastas.

O café finalmente chegou.

—Você quer açúcar?

—Não, obrigada, eu levo sozinha.

Naquele instante, sem motivo aparente, o gerente da área, que estava envolvido com o vício, sorriu. Eu retribuí o sorriso.

"Não se preocupe. Ele vai almoçar ou jantar com outra pessoa, provavelmente uma daquelas moças bonitas com quem eu vejo você nos jornais." Olho para o diretor com um sorriso divertido, que se fecha um pouco. Mas continuo: "Não tem nada de errado nisso, tem? É trabalho."

O sorriso do gerente regional desaparece completamente, assim como o dos outros sentados à sua frente. Todos estão preocupados em perder seus empregos, considerando...
que em alguns meses haverá novas nomeações, e embora o diretor pareça estar confirmado, rumores de grandes mudanças estão circulando. "Então, o que você acha? Vamos repetir aquele programa de casais? Os direitos expiram em dois meses, e eu já recebi uma oferta da Medinews..." Pego uma pasta preta fechada da minha maleta e a coloco no centro da mesa. "Bem, eu acho que o programa funciona muito melhor do que 'Affari tuoi' e é bem diferente de 'Striscia'. É compreensível que eles tenham feito uma oferta significativa para comprá-lo. Você concorda? Mas eu quero ficar aqui. Eu gosto de estar aqui... e gosto do programa."

Com a mão, dou três toques firmes na pasta, tornando meu produto ainda mais essencial para sua corrente e, sobretudo, tornando a possibilidade de perdê-lo muito séria.

—É um blefe.

O gerente de área, com nariz adunco, pele amarelada e cabelo branco oleoso, penteado para trás e caindo atrás das orelhas, sorri.

Eu também estou sorrindo.

—Talvez sim. Ou talvez não. Quero vinte por cento a mais do que no ano passado nos direitos de formato e em cada episódio.

O diretor levanta uma sobrancelha.

—Isso parece muito, especialmente nos dias de hoje, e principalmente porque você já vendeu tão bem...

"É verdade. Mas se eu não obtivesse os resultados que obtenho, vocês não me quereriam mais, nem atenderiam minhas ligações, e eu teria que ouvir as mesmas desculpas da secretária de plantão todas as vezes", respondo, olhando para o nada.

Aquele diretor estúpido e inútil, que ainda por cima tinha ligações políticas, recusou-se a me receber por mais de um mês seguido. Tive que ligar para um amigo de um amigo para obrigá-lo a me atender.

Se eu me tornei alguém no mundo da televisão, foi graças à minha tenacidade, ao meu talento para bons formatos e a toda a raiva que carregava dentro de mim. Ganhava-se muito dinheiro todos os anos com programas comprados em vários festivais MIPCOM e de Cannes, ligeiramente adaptados para o mercado italiano e depois vendidos pelo melhor preço possível. Agora, eu ganhava mais de oitocentos mil euros líquidos por ano, tinha um escritório grande bem atrás da RAI, duas secretárias e uma equipe muito jovem de roteiristas que trabalhavam de acordo com as minhas instruções.

—É blefe. Ele não recebeu nenhuma oferta da Medinews.

Minha expressão muda completamente. Dou outra pancada na minha pasta de couro, desta vez apenas duas vezes, mas com mais força.

—Certo. Vamos fazer assim então... Se não houver nenhuma oferta da Medinews aqui, você pode ficar com a série por esse preço, mais mil euros.

Outro jovem gerente de área, com cabelos tão escuros e abundantes quanto as ideias criativas que nunca teve, filho de um jornalista famoso que teria se envergonhado da pergunta trivial do filho, diz:

—Então, se essa oferta da Medinews for real, por que você não aceita? Só por mil euros?

E ele ri, revelando o quão idiota ele realmente é. Olho em volta; todos estão rindo, exceto o diretor. Observo a sala: as belas fotos de motocicletas, viagens, ilhas, algumas pequenas esculturas modernas de ferro, uma pintura de Marilyn Monroe, uma de Marlon Brando, um prêmio recebido em algum lugar, alguns livros de escritores jovens ou maduros distribuídos unicamente na esperança de aparecerem na internet e ganharem um pouco de visibilidade. Cruzo o olhar com o diretor.

—Bonita sala.

Então vejo sobre a mesa a pistola de água do menino, aquela com a qual às vezes o vejo andando por aí, espirrando água nas bailarinas, como a criança mais alegre do planeta. Mas é claro que vou ficar com ela para mim.

—Realmente, um quarto lindo.

O diretor está satisfeito.

-Obrigado.

Então ele volta a ficar sério e explica ao jovem e ingênuo gerente de área: "Se essa oferta da Medinews existir, pode ser exatamente os 20% a mais que eles acabaram de pedir. Oferecemos a eles mais vantagens do que a Siae, classificando o produto como Classe A, então eles receberiam mais dinheiro em direitos autorais ficando conosco. Além disso, reprisamos as transmissões durante o dia e a noite, na Rete 4 ou Rete 5, e durante as transmissões de verão, enquanto eles não usam tanto o produto." O gerente de área está prestes a intervir, mas o diretor continua: "E esses mil euros são só para nos fazer de bobos."

"Se essa oferta for verdadeira...", diz o homem cético, "e eu digo que não é, é do nosso interesse analisá-la."

As partidas de pôquer me vêm à mente, as noites na casa do Lucone com o Pollo, o Bunny, o Hook e todos os outros, quando jogávamos até o amanhecer, rindo, fumando cigarros (pelo menos eu fumava) e bebendo rum e cerveja. O Pollo sempre gritava: "Droga, Step, eu sabia que você ia ganhar!" e batia os punhos na mesa. E o Lucone ficava bravo: "Chega, você vai estragar tudo!" E então o Pollo começava a dançar e arrastava o Schello junto, rindo e bebendo como o jogador mais feliz do mundo, como se ele mesmo tivesse ganhado a mão. Pollo...

—Então você arriscaria fechar o negócio por 20% a mais só para vê-la assim, de olhos vendados...

O gerente de área, com ar de desdém, permanece imóvel, convicto e sorrindo em sua posição. "Se ele tiver uma oferta da Medinews. Mas tenho certeza de que não tem." Ele me olha com determinação, sem sequer sorrir, simplesmente convicto, divertido com a ideia de que o que ele pensa possa me colocar em uma posição difícil.

E eu o observo sorrindo e, apesar da antipatia que sinto por ele, finjo que gosto dele, até vê-lo empalidecer quando o diretor sai:

—E você tem tanta certeza de que está disposto a arriscar não apenas o dinheiro da Rete, mas também o seu emprego?

O gerente da área hesita, mas apenas por um instante. Ele olha para mim e decide manter-se firme:

—Sim, ele não recebeu nenhuma proposta da Medinews.

Eu sorrio e empurro a pasta em direção ao diretor, que, imediatamente curioso,

volta a ser o menino com a pistola d'água. Ele pega a pasta nas mãos e a vira entre elas. Ele tentou remover a borracha, mas eu o impedi.

—Se estiver lá, será a sua oferta mais mil euros.

—E se não der certo, fecharemos o negócio como no ano passado... —diz o gerente de área, visivelmente irritado, com o apoio do que tem cabelos abundantes.

"Sim, sim, claro", digo, estendendo a mão para o diretor, mantendo a outra sobre a pasta e aguardando sua confirmação antes de deixá-lo abri-la. "Sim, claro, estamos de acordo." Ele aperta minha mão firmemente. Então, educadamente, entrego a pasta a ele.

Então, quase freneticamente, ele removeu a borracha, tirou as folhas, colocou-as sobre a mesa e pareceu quase feliz ao encontrar a oferta da Medinews. Talvez ele não gostasse do gerente de área rancoroso e estivesse apenas procurando uma maneira de se livrar dele.

—Mas é o dobro do que oferecemos!

—E mais mil euros. —Eu sorrio, divertido.

—Você teria concordado em fechar o negócio por vinte por cento?

“Sim, claro, eu não sabia que teria essa ajuda ‘quase divina’”, digo, olhando para o gerente de área, que parece estar com uma expressão amargurada. Ele não está mais sorrindo; afunda na poltrona que, embora não por muito tempo, ainda é dele. “Sim, eu queria fechar o negócio com a Rete a todo custo. Exatamente por causa do que você disse. Eu teria me contentado com até quinze por cento.”

E penso em Pollo, que teria batido com os punhos naquela mesa de reunião importante e começado a dançar. E eu com ele.

"Fizemos um bom negócio, não é, Step?"

—Sim, e acima de tudo, nunca mais veremos aquele idiota amarelado!

QUATRO

Entro no Circolo Parioli e cumprimento Ignazio, o goleiro, baixinho e completamente careca.

—Bom dia, Stefano, como vai?

—Está tudo bem, obrigado. E você?

—Excelente.

—Deixei o carro em frente ao Range Rover de Filippini.

—Ah, tudo bem, mesmo assim, ele não vai embora antes das nove horas da noite. Aí ele se aproxima de mim para fazer

algumas confissões:

—Ele fará qualquer coisa para evitar voltar para casa...

Não é novidade. Todo mundo sabe disso. Mas finjo que ele me revelou um segredo, dou um tapinha no ombro dele e me despeço, deixando-lhe as chaves do carro e cinco euros.

Ter o porteiro do Parioli como aliado não é apenas uma garantia de que ele cuidará melhor do seu carro do que qualquer outra pessoa. É a certeza de que você será sempre bem-vindo ao Circolo.

Cumprimento os membros que encontro enquanto conversam. "Ah, não... Temos que trocá-lo. Como ele pode continuar sendo presidente? Ele é um idiota." Eles levantam o queixo, gesticulando como se tivessem me visto, mas sem prestar muita atenção, já que eu também poderia ser um apoiador do presidente. Estou prestes a entrar no vestiário quando ouço alguém me chamar: "Passo!"

Viro-me e a vejo aproximando-se, elegante, com uma bolsa listrada colorida, vestindo um vestido azul claro, nada transparente, mas cujas curvas permanecem visíveis, precisas e inconfundíveis. Seus olhos verdes estão ligeiramente escurecidos, como se sempre carregassem um véu de nostalgia e tristeza, como se, apesar de sua incrível beleza, ela não conseguisse encontrar a felicidade. Ou talvez não queira.

—Olá, Francesca, como vai você?

Então ela sorri e, embora pareça absurdo, é como se seus olhos perdessem toda aquela tristeza velada, e ela me cumprimenta à sua maneira, com sua energia brincalhona. "Bem, agora que te vejo!" Ela me olha, confusa. "Do que você está rindo?" "Porque você sempre me diz a mesma coisa..."

E eu fico pensando para quantos homens ela dirá isso.

-Ninguém.

Ela me olha seriamente nos olhos.

-Que?

"Eu respondi o que você estava pensando. Você é previsível, Mancini. Bem, não vou contar para mais ninguém. Não acredita em mim? Quer dar uma volta pelo Circolo e perguntar? Não vou contar para ninguém além de você. Só para você."

Ela permanece em silêncio por um instante, depois olha para mim e, de repente, surge outro sorriso enorme e lindo.

—É a verdade: eu fico bem quando te vejo. Só fico bem quando te vejo. Me sinto responsável por uma felicidade fracassada porque não sinto absolutamente nada por ela.

—Francesca...

Ela abre os braços.

"Não diga nada. Você não sabe que metade do Circolo está atrás de mim, e eu evito convites a todo custo, enquanto o único cara de quem eu gosto nem me dá bola?..." Ela faz uma pausa. "É, nem me dá bola! Você gosta quando eu falo como uma malandra? Talvez te excite... Enfim, é inútil eu te dizer que você é o único de quem eu gosto. E se você não entendeu isso, significa que todos aqueles socos que você dá e leva devem ter te transformado num completo idiota. E eu não gosto de você porque você era ou é um valentão..."

—Mas eu não sou, e nunca fui...

—Tudo bem, seja lá o que você for... Embora o mais estranho seja que eu deveria ficar longe de você, eu gosto ainda mais de você.

Uma faxineira passa por nós e nos cumprimenta.

-Bom dia!

"Bom dia!", cumprimentamo-lo quase em uníssono. Talvez ele tenha ouvido alguma coisa, mas não importa.

—Escute, Francesca...

—Não, escuta. Eu sei que você está prestes a se casar. Mas não vou dizer aquela bobagem que algumas pessoas dizem, "Não estou com ciúmes"... Sou discreta, não falo com ninguém, ninguém jamais saberia. Você já ouviu falar de mim?

—Não, de fato.

Então ela coloca as mãos na cintura, joga a cabeça para trás, deixando seus lindos, grossos e abundantes cabelos caírem soltos, um pouco como Erin Brockovich. "Tá bom, tudo bem, eu só estava conversando por conversar; não tive nenhum problema com ninguém aqui no Circolo, então pode relaxar, embora você pudesse dar uma surra naqueles caras ali, do jeito violento que você pode ser às vezes..." Ela percebe que estou prestes a dizer algo e se corrige imediatamente.

—Sim, assim está melhor.

"Mas, Step, você não poderia se esforçar um pouco? Vamos tentar, ver como vai ser. Não quero complicar as coisas para você, mas desde que te conheci... bem, tenho sentido uma vontade enorme de te tocar..."

Então Francesca faz um movimento estranho: transfere o peso para a outra perna e, talvez sem querer, assume uma posição mais lasciva, de fato incitando o desejo. Enfim, me dá vontade de repensar a situação. E então, diante de mim, ela inclina levemente a cabeça para o lado, como quem diz: "E aí, o que você quer fazer?". Isso me lembra Kelly LeBrock no final de*A mulher de vermelho*, quando, nu
Na cama, ele diz para Gene Wilder: "Vamos trabalhar, cowboy."

Francesca me olha com curiosidade, divertida, com aquela pequena esperança que, no entanto, logo se dissipa.

—Desculpe. Agora, com licença, preciso ir, eles estão me esperando para a partida de padel.

E eu saio assim, virando-lhe as costas, sem me virar, e quase me dá vontade de rir do que ela pode ter pensado: "Não acredito, você prefere uma bolinha idiota aos meus melões!"

CINCO

Quando entro na quadra de padel, as equipes já estão formadas e me colocam com um cara chamado Alberto, que eu não conheço muito bem. Os outros dois, porém, se entreolham imediatamente e começam a rir, como se a vitória já estivesse garantida.

—Você o retira?

—Não, não, você que começa.

Você está pronto?

Ambos assentem com a cabeça. Então, saco e rapidamente subo à rede. Eles tentam se defender golpeando diretamente entre Alberto e eu, talvez também para que nossas raquetes colidam, mas não me importo; no máximo, ela quebrará. Alberto, sensível e inquieto, nem tenta devolver. Respondo no voleio e bato com tanta força que a bola passa por cima dos dois, subindo alto e tornando impossível para eles alcançá-la.

—Ok, 15 a 0!

Bem, talvez a partida não esteja indo tão mal assim, afinal. Os dois trocam um olhar; não parecem tão arrogantes quanto antes do início. Só tenho uma pergunta: o sorriso do Alberto não foi um pouco exagerado? Será que ele é gay? Mas mesmo que seja, não estou muito preocupado; estamos marcando pontos em perfeita sincronia. Alberto e eu não nos sobrepomos, não atrapalhamos um ao outro; descobrimos como cobrir os espaços, como evitar deixar brechas. Eles suam, persistem, correm de um lado para o outro e, de vez em quando, se chocam e caem no chão, como agora... E eu, com grande alegria, coloco a bola do outro lado da quadra.

-Apontar!

E assim continuamos, suando, correndo, nos esforçando ao máximo. Alberto mergulhou para pegar uma bola e conseguiu devolvê-la, caindo no chão e se levantando novamente. Ele é bom, e seja qual for sua tendência, ele é realmente rápido e atento, e também muito intuitivo. Ele não é gordo: é magro e esguio.

-Apontar!

E dessa vez, Alberto me estende a mão direita, batemos as mãos, orgulhosos do ponto conquistado após uma disputa acirrada. Agora é a vez deles. O cara se prepara

para sacar, quica a bola e a rebate para frente. A bola voa em uma velocidade incrível. Instintivamente, coloco minha raquete na frente do meu rosto, devolvo a bola para o outro lado e acerto meu adversário em cheio, atingindo-o na parte inferior do corpo. Bem onde as bolas são diferentes.

—Desculpe, não foi minha intenção...

A bola termina sua trajetória no chão, seguida pelo jogador que foi tocado e afundado.

—Sério, me desculpe...

Alberto se aproxima fingindo preocupação, mas então, sob o pretexto de pegar a bola, ele se abaixa e sussurra no meu ouvido:

—Boa foto, droga.

Sinto vontade de rir, e enquanto ouço suas palavras, sussurradas de forma tão íntima e simples, com aquele ar presunçoso, acho que estou ouvindo meu velho amigo, Pollo. Me viro como se fosse procurá-lo, mas só vejo Alberto, que sorri e pisca para mim. Retribuo a piscadela, embora um instante depois, se ele pudesse ler meu rosto, veria toda a minha tristeza.

Pollo e eu nunca jogamos padel; só de pensar num esporte com um nome desses já nos dava nojo. Mas juntos, enfrentamos os desafios da vida de frente, com backhand e forehand. Lembro-me dele com as unhas roídas e sua velha raquete Kawa 550 apelidada de...*Caixão*Um nome de brincadeira que mais tarde se tornou o espectro de um presságio. Galinha, com sua miséria e sua alegria, seguindo a toda velocidade sem nunca olhar para trás.

Continuo jogando, meus olhos embaçados não só pelo suor. Marcamos um ponto e rimos, e Alberto me diz algo mais antes de sacar; agora é a vez dele. Assinto com a cabeça, mas não entendi muito bem o que ele disse, talvez "Eles estão exaustos..."

De fato, eles parecem exaustos. Pollo, por outro lado, era incansável, sempre em movimento, como se nunca quisesse parar, como se tivesse medo de pensar, de ter que lidar com qualquer coisa, como se estivesse fugindo. Em fuga eterna. Mais uma tacada, uma sequência interminável, uma troca infinita, como se nenhum dos dois quisesse desistir. Um dia terei que ir ver os pais dele; nunca tive coragem de fazer isso. A dor nos paralisa. Temos medo do que podemos sentir e nos fechamos em nossa concha, que é ainda mais dura do que aquela dor que nos dilacera o coração. E, sem pensar duas vezes, me lanço em direção à bola que vem na minha direção, bato nela com força, com tanta fúria que ela quase se desintegra no chão, mas imediatamente se incha novamente e rebate para longe, inalcançável para qualquer raquete.

—Ponto! Combinação!

Alberto grita de alegria. Apertamos as mãos e nos abraçamos com verdadeiro

entusiasmo, e só algum tempo depois cumprimentamos nossos adversários. "Vocês terão que nos dar uma revanche!"

-Sim claro.

E eu sorrio. Mas já estou em outro lugar. Não sei se os pais do Pollo ainda moram lá. E com esse último pensamento, saio da pista e, apesar de ter vencido, me sinto terrivelmente derrotado.

SEIS

Enquanto eu estava prestes a entrar no chuveiro, Alberto estava se despindo. "O que você vai fazer? Vai ficar para o almoço?", perguntou-me gentilmente. "Sim, mas tenho algumas coisas para resolver..."

—Certo. Que combinação perfeita!

—É sempre bom quando você ganha.

—Sim, mas é ainda melhor se você vencer alguém que se acha o máximo! Eles entraram na quadra como se estivessem entediados de jogar contra dois caras como nós!

—É verdade, mas no fim das contas eles se divertiram!

"Hahaha, principalmente quando você bate neles com paus!" E nos despedimos, apertando as mãos, mas com um gesto quase fraternal, segurando os polegares um do outro, como se fôssemos amigos de longa data e não apenas conhecidos daquela partida. Então liguei o chuveiro, deixei o xampu no compartimento da parede e entrei debaixo do jato, sem me preocupar com a temperatura. Estava fresco, agradável. Depois esquentou um pouco, relaxei os músculos, me entreguei, fechei os olhos e senti a água desfazer até os nós mais profundos, as dores repentinas das lembranças vindo à tona. Aquela gentileza do Pollo que ainda sinto falta hoje, o jeito dele de me amar acima de tudo. Quando vi o filme*O indomável Will Hunting*Pensei na relação entre Ben Affleck e Matt Damon. Bem, para mim, ele era parecido com o Ben, embora eu nunca tenha me considerado um gênio. Comecei a empresa e comecei a trabalhar graças a um golpe de sorte e uma dose de boa intuição. Inventei uma trajetória profissional sem pensar muito a respeito, mas quando percebi que tinha mudado de rumo, nunca mais mudei e decidi acelerar ao máximo. Agora a situação está mais tensa, meus pensamentos estão todos confusos. Perder um grande amigo quando você ainda é jovem te desperta de repente. Você se achava imortal e percebe que é um idiota. Você se sente amputado. Vivo, mas sem seu amigo. Perder um braço teria me feito sentir

mais completo. Aos poucos, me acostumei com a morte do Pollo. Foi como acordar e vislumbrar a luz depois de um longo período de escuridão. Não busquei mais emoções fortes, os sustos da noite, a adrenalina das corridas de moto. Voltei à vida me deixando cativar pelos pequenos detalhes. Às vezes, acho coisas engraçadas, coisas que acontecem e que ninguém percebe. A mulher atravessando na faixa de pedestres e sua sacola plástica de laranjas rasga; um menino pega uma e guarda no bolso. Uma mãe e sua filha.

Eles estão discutindo na rua depois que a garota acabou de sair da escola. "Eu faço dezoito anos hoje à noite." "Outro aniversário?" "Mãe, você me fez pular um ano; todo mundo está fazendo dezoito anos este ano!" "Tudo bem, mas à uma hora em casa." "Uma hora? Mas a festa começa à uma!" "Você faz dezoito anos à meia-noite!" "Bem, quer dizer, a festa é à uma." "A festa?" "A comemoração! Ontem à noite a festa só começou às duas." "O que você está dizendo? Eu não entendo!" "Pelo amor de Deus, mãe, você faz tempestade em copo d'água..." Dois jovens se beijando, encostados em uma moto sob o sol do meio-dia, enquanto as pessoas passam e os olham com inveja. E seus celulares nos bolsos, talvez tocando. Ligações inúteis de pais preocupados se perdem em seus sorrisos. Eles se olham nos olhos, se beijam de boca aberta, línguas para fora, insolentes, tão orgulhosos daquele amor, daquele anseio. E seus sorrisos transbordam desejo e sexo, com aquela promessa que ele busca mais do que tudo em seus olhos. Se é que já não a buscaram. E a água continua a correr sobre mim, como as imagens de Pollo, respingando em mim, enquanto me dirijo à festa de Babi. A última corrida. Então tudo escurece. Pollo está no chão, caído em uma competição de idiotas, e eu sussurro as únicas palavras que consigo: "Vou sentir sua falta", e acaricio seu rosto como nunca antes. Pollo invade meus pensamentos em sua motocicleta, me observando divertido, como se soubesse tudo sobre minha vida, tudo o que aconteceu e o que acontecerá. E ele parece rir e balança a cabeça como quem diz: "Mas do que você está rindo? Eu também não sei nada sobre o que vai acontecer." Se Alberto entrasse agora e me visse aqui falando com o telefone do chuveiro na minha mão... Com alguém que não está aqui. Mesmo que ele esteja sempre presente. E imediatamente depois, Pollo empina a moto, desaparecendo da minha memória, mas eu encontro outra pessoa. Sim, eu me viro e lá está ela, no banco, lendo um livro. Ela é jovem, bonita, tem cabelos longos até os ombros, usa óculos grandes e, de repente, coloca a mão na página do livro, como se não quisesse perder a página, e então olha para cima, ajeita os óculos na cabeça para enxergar melhor e esfrega os olhos, talvez também por causa do sol forte. Depois, sorri serenamente; sim, ela me viu, e eu, como que para deixá-la mais à vontade, apareço no meio da cena. "Cheguei, mãe! Olha o que eu achei!" E corro em sua direção com meus longos cabelos ao vento e algo que carrego nas mãos. Quando

chego lá, minhas mãos estão sobre a barriga e faço uma careta estranha, como se já soubesse que ela vai me castigar. "Vamos, deixe-me ver." Então, sem mais esperar, abro as mãos e sorrio. "Uma flecha antiga, da época dos romanos ou dos sioux!" E eu seguro firmemente entre o polegar e o indicador de ambas as mãos um pedaço de madeira com uma ponta triangular de pedra, desgastada, antiga. "Onde você a encontrou?" "Ali embaixo", digo, apontando para um ponto atrás de mim, mais ou menos vago. "Posso levá-la para casa?" "Sim, me dê..." E ainda me lembro dela tirando um lenço de papel de um pacote plástico e enrolando-o em volta daquele pedaço de flecha, dando-lhe uma certa importância, pelo menos para mim, tanta que eu queria insistir: "Mãe, tenha cuidado..." "Sim, sim... com muito cuidado, embora eu já tenha lhe dito mil vezes para não pegar coisas do chão..." E a levamos para casa, e eu a mostrei imediatamente ao meu pai assim que ele chegou do trabalho, e ele também ficou encantado com a minha descoberta. "Encontrei-a em Villa Borghese." "Bem, deve ser o que você diz: é dos sioux. Um dia, em um verão, eles passaram por lá, e eu os vi." "Sério?" Queria saber mais sobre aqueles indianos e perguntei se eles*Carabinieri*que sempre via
O cavalo na Villa Borghese os havia seguido. Papai riu, e mamãe também. "Talvez", ele me disse, e então a abraçou e eles se beijaram, e eu me senti feliz por causa do riso deles e de como estavam bem.

A água do chuveiro está mais quente; estou confortável aqui. O cansaço da partida de padel passou, mas esta última lembrança da minha mãe persiste. Penso na sua beleza, em tê-la descoberto, em como tudo aconteceu tão rápido entre nós, em como deixamos de nos amar, em como ela se foi, e em como a vida muda. E, no entanto, tudo continua.

—Você teve sorte...

Abro os olhos. Os dois garotos que jogaram contra nós entraram; parecem ter recuperado a autoconfiança. Dou uma olhada neles. Não são lá muito "bonitos". Caio na gargalhada.

—Sim, é verdade. É exatamente assim: tivemos sorte.

E eu saio do chuveiro. Ainda bem que sempre tem alguém que consegue me fazer rir.

SETE

—Sim, coloque essa.

Um garçom está grelhando alguns pedaços de carne. Eu me sirvo de alguns legumes grelhados mistos e um prato de alcachofras com queijo Grana Padano do bufê

do Circolo.

Uma mulher excessivamente perfumada e grosseira fura a fila, mas finjo não notar. Depois de encher o prato com vários bifes, ela se vira, sorri para mim e, sem o menor constrangimento, continua a beliscar aqui e ali, enchendo o prato em excesso. Fico perplexo por um instante. E este é o Circolo Parioli, onde deveria estar a nata da sociedade romana! Mas, em vez disso, vejo essa mulher, enrugada e escura como chocolate, desfilando diante de mim. O garçom olha para mim, sorri e dá de ombros como quem diz: "Não posso dizer nada". Então, em tom profissional, ele me pergunta:

-Posso ajudar?

—Sim, obrigado. Me dê metade do que aquele glutão pegou! E ele ri, balança a cabeça e enche meu prato com a melhor carne que encontra na grelha.

Sento-me em frente a uma janela de vidro, como se fosse uma grande pintura. Sob os apliques de bronze, há um belo sofá, o que faz do clube um dos mais agradáveis da capital. Contemplo a distância através da vegetação. Alguém está jogando tênis; vejo a pessoa correndo pela quadra, mas não ouço o som da bola.

Alberto me vê de longe, prato na mão, acena com a cabeça e se junta a um dos outros membros; ele decide me deixar em paz. Então, dou outra mordida, me sirvo de cerveja e, depois de limpar a boca com o guardanapo, tomo um bom gole. Calmamente, sem pressa. Melhorei; Gin me zoa porque como rápido demais, diz que tenho uma inquietação latente, que faço as coisas compulsivamente, com gula, principalmente se tenho batatas fritas e uma cerveja na minha frente. Uma atrás da outra, sem parar, às vezes mudando o ritmo para mergulhar uma na mostarda ou maionese, mas logo em seguida com ainda mais voracidade, até três ou quatro de uma vez. "Você vai se engasgar!" "Você tem razão..." Então sorrio para ele e me acalmo, me recomponho. Como se eu não estivesse mais com pressa e não estivesse mais inquieta. Ela é linda, com seus cabelos curtos e negros, sua figura esbelta, suas pernas longas e seios magníficos, com aquele sorriso que às vezes, nos momentos mais belos, ela esconde atrás dos cabelos, entreabrindo os lábios, inclinando a cabeça para trás, entregando-se aos meus braços... Gin.

—Você gostaria de um café?

O garçom invade minhas memórias eróticas com uma jarra na mão, uma pequena bandeja com uma xícara de café à espera de alguém para bebê-la. "Por que não?"

—Aqui está. Açúcar?

—Não, obrigado, está ótimo assim.

Este garçom é perfeito; aparece e desaparece no momento exato, sem que você perceba. O café também está delicioso. Sorrio, pensando em Gin, na família que seremos quando talvez tivermos um filho ou uma filha. Será uma cópia fiel de Gin?

Terá os meus olhos? Espero que não a minha personalidade. Através da beleza de um sorriso jovem, você reconhece algo de si mesmo, sente-se refletido, vê as suas virtudes e os seus defeitos, a sua continuidade. "Quando eu era jovem, era apaixonado por motocicletas. Parei de pilotá-las porque, caso contrário, sua avó não teria se casado comigo." Lembro-me do meu avô, pai da minha mãe, me contando isso sempre que eu ficava conversando com ele. Ele sempre tinha algo bonito e engraçado para dizer. Tomo o último gole de café, coloco a xícara na mesa e tenho a sensação de que minha vida finalmente está voltando aos trilhos.

-Senhor...

Eu me viro; o garçom está atrás de mim, levantando-se depois de pegar um envelope do chão.

—Essa coisa caiu da jaqueta dela.

—Ah, obrigada.

Pego o envelope de suas mãos, ou melhor, ele me entrega e me olha por um instante, como se estivesse me queimando, como se temesse descobrir o segredo que guarda. Em seguida, pega a xícara vazia da mesa e se afasta sem se virar. Abro o envelope, curiosa, mas sem muita tensão. E vejo o ingresso. Que boba eu fui, é aquele que minha secretária insistiu que eu trouxesse. Viro-o nas mãos.*«Os bons dias».»*Exposição de Balthus, na Villa Medici, Accademia di Francia em Roma, Viale della Trinità dei Monti. E eu fico olhando para aquele pedaço de papel, sem qualquer indicação, nem qual empresa está organizando, nem qualquer nome. Apenas aquele título: «*Os bons dias*"Os belos dias. Eu gosto disso. Eu sabia algo sobre Balthus, sobre a exposição que foi censurada quando, já com oitenta anos, ele persistiu em pintar aquela jovem e aquelas pinturas controversas. Ele foi acusado de usar seu "terceiro braço" — sua câmera Polaroid disparava uma infinidade de fotos em sua jornada desordenada, porém meticulosa — de beirar a pedofilia. Aquela jovem ia ao seu estúdio todas as quartas-feiras, desde os oito anos de idade, com o consentimento dos pais, e posava para que ele pintasse seu retrato. E essa situação durou até ela completar dezesseis anos. Balthus, o insaciável Balthus, indiferente à ordem burguesa. E de repente me sinto fascinado, estranhamente atraído, intrigado por esse homem sobre quem tanto ouvi falar. Conheço suas pinturas, claro, mas não muito bem. E então há o título da exposição: "*Os bons dias*"Decidi participar sem saber que ficaria fascinado por aquelas pinturas e que, para meu grande desapontamento, acabaria sendo o protagonista de uma pintura inesperada."

OITO

A Villa Medici é imponente, organizada e elegante, com seu aviário e um belo e encantador parque. Algumas pequenas fontes e sebes bem cuidadas guiam o visitante por um caminho. Ao chegar ao portão, uma anfitriã sorri e pega meu ingresso, então não tenho escolha a não ser entrar e seguir as pessoas que passeiam tranquilamente pelo tapete vermelho, sem ousar sair dele. Uma música ambiente emana de alto-falantes de alta qualidade escondidos em meio à vegetação. Garçons nos acompanham, servindo-nos champanhe. Uma mulher à minha frente, de cabelos escuros e vestindo um longo vestido de seda de cores vibrantes — como uma odalisca obrigada a se cobrir — pega uma taça e bebe rapidamente; em seguida, acelera o passo. Ela tropeça nos saltos altos, mas consegue recuperar o equilíbrio e se apoia no ombro de um garçom. Ele se vira, para e tem apenas tempo suficiente para pousar a taça vazia enquanto ela pega a bandeja para servir outra. O garçom se afasta e a mulher vira sua segunda taça de champanhe de um só gole. Ocorre-me que talvez ela também seja sócia da Parioli.

Logo em seguida, estamos dentro da Villa, com seus tetos altíssimos, a luz do pôr do sol, os antigos tetos com caixotões, os grandes sofás roxos e os pisos de ardósia — tudo tão perfeito, tão imaculado. Radiadores antigos de ferro cinza repousam silenciosamente nos diversos cantos da sala. Em cada porta dourada, frases em latim exaltam as possíveis virtudes da humanidade. E lá está ela, na primeira sala, uma esplêndida pintura de Balthus. Aproximo-me para ler melhor a data e sua história: 1955.*Nua em frente ao espelho*É uma mulher nua em frente a um espelho, mas com o rosto oculto pelos braços, que seguram teimosamente seus longos cabelos escuros e levemente ondulados. E ali ao lado está sua origem, o esboço a lápis e algumas explicações:*Nua em frente ao espelho*A obra impressiona pela monumentalidade escultural da maquete e pela luz difusa e prateada que permeia a figura e preenche a sala. Um pouco mais abaixo, a sua proveniência: Galeria Pierre Matisse. Trata-se de um empréstimo. Em seguida, o nome completo: Balthasar Klossowski de Rola, pintor francês de origem polaca. Balthus. Na mesma sala, uma série de retratos de meninas: Alice, uma jovem com o seio à mostra e a perna apoiada numa cadeira, numa pose desleixada, enquanto tenta passar o tempo, em vão, juntar os longos cabelos. E outra menina sentada com as mãos na cabeça, as pernas ligeiramente afastadas e a saia levantada; tudo isto numa sala de tons quentes, enquanto um gato, com os mesmos tons, parece lamber leite de um pires, simplesmente entediado com o que quer que seja que esteja acontecendo.

Poderia acontecer. E continuo caminhando, explorando essas paredes cobertas de

esboços, hipóteses desenhadas a lápis, que aos poucos ganham vida, transformando-se em grandes pinturas a óleo repletas de sensualidade. Os passos leves dos visitantes parecem ecoar até que eu chegue a uma pequena sala com uma janela esplêndida com vista para o vermelho intenso do pôr do sol. Então, me apoio no parapeito e olho para a distância. Alguns pinheiros se elevam acima do jardim, como um manto verde que se estende sobre um tapete de telhados e antenas, entre elas, algumas antenas parabólicas modernas e rebeldes. A cúpula da Basílica de São Pedro, um pouco mais adiante, parece indicar com precisão como encontrá-la. E enquanto me perco nesse horizonte romano infinito, pensamentos dispersos surgem: uma reunião no dia seguinte, uma ideia de formato que preciso ler, um possível programa de verão.

-Etapa...?

De repente, aquela voz transforma tudo ao meu redor, destrói todas as minhas certezas e anula todos os meus pensamentos. Minha mente fica vazia.

-Etapa?

Acho que estou sonhando; aquela voz me chamando ecoa no céu azul-rosado. Talvez uma daquelas garotas de Balthus tenha saído da tela e esteja zombando de mim. Talvez...

—Step? É você?

Então, eu não estou sonhando.

NOVE

Ela está atrás de mim, impecavelmente vestida, as mãos entrelaçadas sobre uma bolsa Michael Kors que segura pelas alças, apoiada na barriga. Ela sorri para mim. Seu cabelo está mais curto do que me lembro. Seus olhos azuis, por outro lado, são tão intensos como sempre, e seu sorriso é tão lindo quanto sempre foi, graças a mim. Ela me encara em silêncio, e ficamos ali, na Villa Medici, a vasta extensão dos telhados de Roma atrás de mim, ela à minha frente, banhada pela luz avermelhada do sol que vejo refletida em seus olhos e no aparador atrás dela. Estamos sozinhas na sala, e ninguém parece interromper este momento mágico, especial, único. Quantos anos se passaram desde a última vez que nos vimos? Quatorze? Dezesseis? Cinco? Seis? Sim, talvez seis. E ela continua linda, de uma beleza estonteante, infelizmente. O silêncio prolongado começa a me incomodar, parece longo demais. E, no entanto, não consigo dizer uma palavra. Continuamos nos olhando nos olhos, sorrindo, tão bobos, tão jovens. De repente, uma pequena sombra cruza meu sorriso. Agora mesmo, penso, agora mesmo que minha vida deu uma guinada tão importante, agora mesmo que eu estava

convencido das minhas decisões, seguro e sereno como nunca estive. E fico com raiva, e queria poder estar chateado, distante, frio, indiferente à presença dela, mas não estou. Nada é assim. Sinto curiosidade e mágoa por todo o tempo que perdi, que perdemos, por tudo que não vi dela, todas as suas lágrimas, seus sorrisos e suas alegrias, seus momentos de felicidade sem mim. Ela se lembrava de mim? Eu aparecia de vez em quando em sua mente, em seu coração? Isso aconteceu? Ou talvez ela sentisse saudade de mim, mas lutasse, lutasse mais do que eu, para não sentir saudade, para me deixar para trás, para se convencer de que tomou a decisão certa, que comigo tudo teria sido um erro? E continuo olhando para aquele sorriso dela, deixando de lado qualquer reflexão inútil, qualquer tentativa vã de encontrar significado, de entender por que estamos aqui de novo, frente a frente, como se a vida nos obrigasse a nos fazer essa pergunta. Então Babi faz uma careta estranha, inclina a cabeça e sorri, franzindo os lábios, do jeito dela, o jeito que me conquistou, o jeito que ainda carrego no coração como uma cicatriz.

—Sabe que você está com uma aparência melhor? Os homens são uma verdadeira farsa: você fica melhor com a idade. As mulheres, por outro lado, não.

Ela sorri para mim. Sua voz mudou; ela ficou mais feminina. Emagreceu, seu cabelo está mais escuro, a maquiagem está perfeita, discreta, sem exageros. Ela está mais bonita. Mas não quero dizer isso a ela. Ela continua me olhando.

—E além disso, você parece outra pessoa, e, nossa, eu quase gosto mais de você.

—Você quer dizer que não gostou do anterior?

—Não, não, de jeito nenhum, não é isso. Você sabe o quanto eu gostava do antigo, só de me tocar já me sentia eletrizada...

—Foi quando levamos um choque elétrico enquanto decorávamos a

árvore de Natal! —Isso mesmo!

E de repente ela ri baixinho, fecha os olhos, inclina a cabeça para trás e os mantém fechados, como se estivesse realmente tentando se lembrar daquele dia. Estamos falando de pelo menos seis anos atrás.

"Depois da cólica, nos beijamos." Sorrio. Como se fosse um detalhe crucial para esclarecer a natureza do nosso relacionamento. "Sempre nos beijávamos. E depois trocávamos presentes."

Ela olha para mim e continua contando a história, como se quisesse saber o que eu me lembro daquela noite. Ela não sabe que tentei desesperadamente apagá-la da memória, sem sucesso, que tentei obsessivamente assisti-la.*Esqueça-me!*, o filme do Jim Carrey, na esperança de que realmente pudesse acontecer.

—Então, você se lembra daquele momento? —Ele sorri maliciosamente, pensando em me prender.

—Eles tinham papéis diferentes.

—Mas os presentes eram os mesmos!

Ela fica muito animada e deixa cair o vestido Michael Kors no chão, depois se joga em cima de mim, me abraça pelas costas, se pressiona contra mim e encosta a cabeça no meu peito. E eu fico ali parado, perplexo, surpreso, com os braços estendidos, sem saber onde colocá-los, como se estivessem soltos, fora de lugar, como se, onde quer que parassem, seria um erro de qualquer forma.

"Que bom te ver!" ela diz, e ao ouvir essas palavras, eu a abraço também.

DEZ

Estamos num jardim impecavelmente cuidado. O sol desponta por cima dos últimos telhados, no extremo do conjunto de casas. Não se move uma brisa sequer. Hoje é 4 de maio e já está quente. Estamos sentados um de frente para o outro e acabamos de pedir algo. Sim, algo para beber, talvez algo para comer. Não tenho certeza do quê, talvez um cappuccino gelado.

—Você não mudou nada.

-Não.

Não sei sobre o que mais conversamos. Ficamos sentados em silêncio por um tempo, olhando para as mãos um do outro, nossas roupas, nossos cintos, nossos sapatos, nossos botões — fragmentos de nossas vestimentas que poderiam revelar algo sobre nós. Mas eles não me dizem nada, e eu não quero ouvir nada. Tenho medo de me sentir mal, de sofrer; não quero mais sentir nada.

"Você se lembra?" Abrimos os pacotes e ficamos sem palavras. Eram os mesmos suéteres enormes de marinheiro, azul-claro. Passamos em frente àquela loja e nós duas adoramos, e conversamos sobre eles animadamente. Eu decidi que ia comprar um para você e depois comprar um igualzinho para o meu aniversário. Mas aí eu o encontrei no seu pacote de Natal! Foi maravilhoso."

—Dentículo.

"O quê?" Ela me olha, surpresa e confusa, pensando que estou louca. "Dentice, esse era o nome da loja em que entramos, e aí cada uma de nós comprou o suéter separadamente."

— Sim, é isso mesmo, na Piazza Augusto Imperatore. Ainda está aberto? — Está, mas não vou acrescentar mais nada. — Então ela toma um gole do seu Crodino, come uma batata frita e, por fim, limpa a boca. Ao colocar o guardanapo sobre a mesa, permanece imóvel por um instante. Sua outra mão junta-se à primeira e começa a

brincar com o anel no dedo anelar. A aliança. Ela usa aliança. Nada mudou; afinal, ela se casou. E por um momento, fico sem fôlego, sinto um nó na garganta, meu estômago se contrai, quase vomito. Tento me controlar, respirar fundo, recuperar a compostura, acalmar meu coração acelerado e, aos poucos, consigo. — Mas por que você está surpreso? Você já sabia, Step, não se lembra? Ela te contou naquela noite, a última vez que vocês estiveram juntos, quando fizeram amor na chuva. Quando você voltou para o carro, ela confessou: "Pai, preciso te contar uma coisa: vou me casar daqui a alguns meses."

E agora, como naquela época, parece-me inacreditável que isso realmente tenha acontecido. Mesmo assim, ajo como se nada tivesse acontecido, tomo um gole do meu cappuccino e olho para o horizonte. Meus olhos estão
Um pouco velado, mas espero que ela não perceba, e então bebo devagar, sem engasgar, semicerrando os olhos como se quisesse esconder, procurar não sei que resposta, seguir o voo de alguma gaivota perdida, mas desta vez, infelizmente, ela não existe.

"Eu fui em frente. Sim." Quando me viro, a encontro sorrindo para mim, calma e serena; ela quer entender. "Não consegui impedi-lo." Ela me mostra a aliança, passando o dedo sobre ela. "Talvez tenha sido melhor para nós assim, não acha?"

—Por que você está me perguntando isso agora? Você não me perguntou nada quando eu poderia ter respondido.

E eu gostaria de continuar: "Quando eu poderia ter impedido tudo isso, quando sua vida ainda poderia ter sido nossa, quando não poderíamos ter nos perdido, quando teríamos crescido, teríamos chorado, teríamos sido felizes e, em todo caso, teríamos sido nós mesmos, juntos, sem esse vazio terrível, esse tempo que perdemos, essa vida passada, roubada, consumida, talvez inútil. Tudo me parece tão vazio, tão terrivelmente perdido e desperdiçado... Não consigo aceitar ter desperdiçado um único segundo de cada momento da sua vida, de cada uma das suas respirações, de cada um dos seus sorrisos ou das suas tristezas. Eu gostaria de ter estado lá, mesmo em silêncio, mas lá, perto de você, ao seu lado."

Você está com raiva?

Ela me olha seriamente, mas sem perder a compostura. Ela coloca a mão esquerda sobre a minha e a acaricia.

"Não, não estou zangada." Então ela acena com a cabeça, sorri de novo, está feliz. "Sim, estou", acrescento incontrolavelmente.

Afasto minha mão de debaixo da dela. E ela balança a cabeça negativamente.

"É normal, você tem razão, não seria você. Aliás..." E não acrescenta mais nada. Deixa espaço para a imaginação, para o que poderia ter sido, o que poderia ter

acontecido, para o que ele poderia ter dito, para como ele poderia simplesmente ter se despedido dela no instante em que a viu. E ficamos em silêncio novamente.

-Etapa?

Ela busca minha aprovação, quer que eu concorde, que de alguma forma a perdoe. Sim, ela busca minha misericórdia, mas não sei o que dizer. As palavras me faltam, não consigo pensar em uma única frase, nada que possa resolver a situação, dissipar esse estranho desconforto que surgiu entre nós. Então ela coloca a mão sobre a minha novamente e sorri para mim.

—Eu sei o que você quer dizer, eu sei por que você está com raiva...

Eu gostaria de responder e dizer que ela não sabe absolutamente nada, que não tem como saber o que eu senti naquele momento, todas as vezes que pensei nela, e que, mesmo assim, eu deveria ter apagado sua memória para sempre. Mas foi assim. Eu não consegui apagá-la dos meus pensamentos. Ela acaricia minha mão e continua me olhando, os olhos quase marejados, como se estivesse prestes a chorar, e o lábio inferior treme levemente. Ou ela se tornou uma grande atriz nesse tempo, ou está realmente sentindo uma emoção muito forte. Mas eu não entendo, por que toda essa comoção? Então sua expressão se ilumina, seus olhos se arregalam como se quisessem me fazer rir, e com uma alegria repentina ela exclama:

—Eu trouxe um presente para você!

Ela tira da bolsa um pacote embrulhado em papel azul e amarrado com uma fita azul-clara com listras brancas. Ela conhece meus gostos e, claro, há um bilhete dentro. Está amarrado com um pedaço de barbante e preso a meia moeda de chumbo. Eu o pego e devo dizer que fico atônito, confuso. Estou prestes a abrir o pacote, mas ela o arranca imediatamente das minhas mãos.

—Não! Espere...

Eu a encaro, perplexa.

-Que?

—Primeiro você precisa ver uma coisa, senão não vai entender.

—A verdade é que juro que não entendo...

—Agora você vai entender, e verá como tudo ficará mais fácil.

E ela diz isso com voz de mulher, confiante e determinada. Agora Babi olha para o horizonte, como se procurasse alguém, como se soubesse que um pouco mais adiante, sob as árvores, nos fundos da aldeia, alguém espera por seu sinal. Mas ela está decepcionada; é como se não tivesse encontrado o que esperava, e suspira como se alguém tivesse quebrado um pacto.

Então:

"Aqui está!" ela exclama, e seu rosto se ilumina.

Ele levanta a mão, move os braços para que quem quer que seja possa ver onde ele está; então ele se levanta e grita alegremente:

—Estou aqui! Aqui!

Então olho na mesma direção e vejo um menino correndo em nossa direção, enquanto uma mulher vestida de branco permanece ao fundo com uma pequena bicicleta ao lado. Ela se aproxima cada vez mais, esbarrando nas pessoas que passam, quase se desequilibrando sobre os paralelepípedos brancos, feitos de pedrinhas, e está prestes a perder o equilíbrio e cair no chão, mas Babi abre os braços e se joga em direção a eles, fazendo-a cambalear junto com a bicicleta.

—Mãe! Mãe! Você não imagina, você não imagina o quão incrível isso é!

—O que aconteceu, querida?

—Fui dar um passeio de bicicleta. Leonor me segurou por um tempo e depois me soltou, e eu continuei pedalando e não caí.

-Mel muito bom!

E eles se abraçam apertado. Os olhos de Babi procuram os meus através dos cabelos do menino e ela acena com a cabeça, como se quisesse que eu entendesse algo. De repente, o menino se afasta dela.

—Eu sou um campeão, mãe! Sério? Eu sou um campeão?

—Sim, querida. Posso te apresentar a este meu amigo? O nome dele é Stefano, mas todo mundo o chama de Step!

O menino se vira e me vê, parecendo um pouco indeciso sobre qual decisão tomar. Então, de repente, ele sorri.

—E posso te chamar de Step também?

—Claro. —Eu sorrio de volta.

"Bem, vou te chamar de Step! É um nome bonito. Me lembra o Stitch!", diz ele, e sai correndo. Ele é bonito, com pele morena, lábios carnudos, dentes brancos perfeitos e olhos negros. Ele está usando uma camisa listrada em tons de azul claro e escuro. "Ele é um menino lindo."

-Sim, obrigado.

Minha mãe me sorri satisfeita, e devo dizer que não me importo de vê-la tão linda em sua felicidade, uma felicidade que talvez eu não fosse capaz de lhe proporcionar. Foi isso que ela deve ter pensado quando decidiu terminar tudo entre nós. Babi então interrompe meus pensamentos:

—Ele também é inteligente, muito sensível e romântico. Acho que ele entende muito mais do que demonstra. Às vezes, ele me surpreende e me deixa com o coração apertado.

—Sim —Concordo, mas acho que esse é o pensamento natural de qualquer mãe.

Babi observa seu filho, que chegou com a babá, pegar a bicicleta e subir nela; ele tenta pedalar e finalmente consegue, percorrendo um trecho da estrada sem cair.

—Muito bem! —Babi aplaude.

Ela ficou encantada com essa façanha, que considerou magnífica, então se virou para mim e me entregou o pacote.

—Aqui. Você pode abrir agora.

É verdade. Eu tinha esquecido. E por um instante até corei. "Não é um livro nem uma arma! Vamos, abra!"

Então eu desembrulhei e, ao remover o papel de seda que de alguma forma o protegia, encontrei uma camiseta tamanho GG, do meu tamanho, com gola branca. Olhei mais de perto. Não podia acreditar. Era listrada em azul-marinho e azul-claro, idêntica à que o filho dela estava usando. Então olhei para ela e vi que ela ficou séria.

—Sim. Bem, é verdade. Talvez seja por isso que nunca senti sua falta.

E eu sinto que não consigo respirar.

—Mãe, olha, olha como eu me saio bem!

O menino passa por nós de bicicleta, sorrindo, com os cabelos ao vento, pedalando sua pequena bicicleta. Eu o observo e ele ri, e por um instante tira a mão do guidão e acena para mim.

—Adeus, Step!

E então ela a agarra rapidamente de novo, com firmeza, para que não escorregue, para que não caia no chão. Ela volta para a babá e desaparece assim, da mesma forma que apareceu na minha vida. Seus olhos, sua boca, seu sorriso — ela se parece com a minha mãe, e ainda mais com as fotos do álbum de família de quando eu era pequena. Então Babi toca minha mão de novo.

—Você não vai dizer nada? Já viu como seu filho é bonito?

UMA VEZ

Um raio atingiu minha vida, dividindo-a em duas. Tenho um filho. E pensar que sempre foi um dos meus maiores desejos: unir-me a uma mulher, sem dúvida com a promessa de amor ou casamento, e ter um filho. A união de duas pessoas na criação, aquele instante quase divino que se manifesta no encontro de dois seres, num turbilhão de misturas, decidindo detalhes, nuances, cores, adicionando pinceladas aqui e ali a uma pequena pintura futura. Aquele quebra-cabeça incrível que, peça por peça, se encaixa para um dia emergir do ventre da mulher. E de lá, alçar voo como uma borboleta, ou uma pomba, ou um falcão, ou uma águia, rumo a quem sabe que outra

vida incrível, talvez diferente daquela que o criou. Ela e eu. Você e eu, Babi. E esta criança. Tento juntar as peças de forma coerente.

—Que nome você deu a ele?

—Massimo. É nome de líder, mesmo que por enquanto ele só tenha conseguido andar de bicicleta. Mas isso já é uma vitória.

Ela ri, parece serena e respira o ar perfumado que nos rodeia, deixando os cabelos esvoaçarem ao vento que, na verdade, não sopra. Ela não busca perdão, nem partilha, nem absolvição. E, no entanto, ele é nosso filho. E num instante, volto seis anos, àquela noite, àquela festa numa magnífica mansão para onde meu amigo Guido me levou. Caminho entre as pessoas, pego um copo de rum, um Pampero, o melhor. Depois, viro outro, e outro. E com as notas de Battisti na cabeça, vagueio pela sala. "Como pode uma rocha deter o mar?"[1]Até hoje não sei a resposta para essa pergunta. Aproximo-me de uma pintura, uma natureza-morta de Eliano Fantuzzi; lembro-me de ter sido atraído pela grande melancia cortada sobre a mesa, indistinta, como em suas pinturas, onde tudo parece visto como por um míope sem óculos, quase embaçado, com aquele verde, aquele vermelho não muito escuro, e aquele branco e aqueles pontos pretos que deveriam ser sementes. E de repente me vem à mente Babi, inclinada para a frente com a fatia de melancia nas mãos, rindo, e seu rosto aparece no meio do vermelho, bem no centro, sem hesitação. É verão, estamos na Córsega, França, perto de Fleming, no final do viaduto, sob a última águia. Faz calor, é noite, aquela banca está sempre aberta, e um pouco mais adiante fazem salsichas; dá para perceber pelo cheiro e pela fumaça branca, densa e espessa que sobe das brasas como se fosse o resultado tão esperado da eleição do novo papa. E ouvimos o chiado do óleo da linguiça, cujo cheiro fica impregnado em nós, embora, por sorte, o vento o leve embora, ou pelo menos nos iludamos pensando assim.

—Ei, Step! Pega, pega, a gente acerta as contas depois...—E eu cumprimento o Mario com

Um sorriso surge em seu rosto, e Babi mergulha na fatia de melancia sem precisar que lhe digam novamente. "Ah, muito bem, você escolheu a mais escura, a mais madura..."

—Sim, mas se você quiser, eu te dou um pedaço.

E me diverte que ele queira me consolar dessa maneira.

—Não, eu vou querer um inteiro só para mim, seu glutão!

Dou uma mordida na minha fatia de melancia, um pouco mais clara, mas igualmente deliciosa e suculenta, como a noite esplêndida que estamos desfrutando. Babi come da direita para a esquerda, como uma metralhadora, e se diverte cuspindo as sementes que ficam presas na boca.

—Pfff! Igualzinha à Julia Roberts em*Mulher bonita*.

"O quê?" Eu rio. "Como assim?"

—Idiota... Quando ele cospe o chiclete.

Sim, éramos assim, a beleza de uma noite de verão. E enquanto me lembro dela, como um eco daquela festa, uma risada familiar me alcança da sala ao lado; presto mais atenção e minha expressão muda. Não há dúvida. É ela. Babi. Ela é o centro das atenções, rindo e fazendo os outros rirem enquanto conta uma história. Então, pouso meu copo, caminho pela multidão, me movo entre estranhos, passo por garçons que cruzam meu caminho, quase em câmera lenta, e então a vejo claramente: ela está sentada no braço de um sofá no meio da sala de estar. Não tenho tempo de recuar, de me misturar com os outros, a poucos passos de distância, quando ela se vira, como se tivesse notado algo, como se seu coração, sua mente, ou quem sabe que misteriosa razão a tivesse impelido a fazer isso. Seu rosto passa de espanto para felicidade.

—Passo..., que alegria!, mas o que você está fazendo aqui?

Ele se levanta e beija suavemente minhas bochechas, e eu fico quase hipnotizada. Ele pega meu braço, e eu me sinto transportada para um lugar onde algumas pessoas estão sentadas ao redor do sofá. Bêbada, não entendo nada; apenas sigo seus passos.

Mas o que estou fazendo aqui? Por que vim? Babi... Babi... Passeamos, conhecemos outras pessoas e, de vez em quando, vou beliscando algo do bufê ou das bandejas dos garçons; lembro que tenho meu celular, tiro-o do bolso, coloco no silencioso e o deixo desaparecer, esquecendo-me dele. E agora sorrio para ela e pego uma taça de champanhe.

—Não, com licença..., dois.

Quase me sinto mal por não ter pensado nela imediatamente, e

ofereço-lhe a minha mão. —Perdoe-me...

"Está tudo bem." E ela bebe, olhando por cima do copo com aquele olhar que conheço tão bem. "Que bom te ver."

-Eu também.

Acontece quase sem que eu perceba. Ele bebe o champanhe de um só gole. E depois deixa a taça no parapeito da janela.

"Ah, eu adoro essa música! Vou dançar. Você pode olhar, Step? Vou rebolar um pouquinho e depois a gente vai junto, por favor, me espere..." E ele me dá um beijo na bochecha, mas está tão ansioso que também toca meus lábios. E sai correndo. Será que foi sem querer?

Ela dança entre as pessoas, gira de olhos fechados, está sozinha no No centro do terraço, abra os braços para o céu e cante a letra da música com toda a força dos seus pulmões.*Simplesmente*, do Zero Absoluto.[2]Então termino meu

champanhe também e deixo meu copo ao lado do dela, e quero ir embora, sim, estou indo agora, estou desaparecendo, talvez ela fique brava, mas é melhor assim. Mal tenho tempo de me mexer antes que ela agarre meu braço.

-Eu amo essa música.*"...e as paixões que permanecem...só não se esqueçam...nananana! Tão simples quanto se conhecer, se perder, se reencontrar, se amar, se separar, poderia ter sido melhor, talvez... Simplesmente.»*"...e as paixões que perduram... só não se esqueça... nananana! Tão simples quanto se encontrar, se perder, se encontrar de novo, se amar, deixar ir, poderia ser melhor, talvez... Simplesmente." Ela me abraça, me aperta forte e quase sussurra. "Parece que foi escrito para nós." E ela fica em silêncio nos meus braços, mas eu não sei o que fazer, o que dizer. O que há de errado, Babi? O que está acontecendo?

Ela pega minha mão e me conduz para fora daquela festa quase terminada, para fora da casa, através do gramado, do caminho, da cerca, para dentro do carro dela, para a noite. Fizemos amor como se tivéssemos acabado de nos reencontrar, como se a partir daquele momento nada pudesse mudar. Como um sinal do destino, como se aquela festa marcasse uma data, uma razão, um novo começo. Começa a chover e ela me faz sair do carro; sua blusa já está desabotoada, ela quer fazer amor na chuva. Ela se deixa acariciar pela água que cai e pelos meus beijos em seus mamilos molhados. Sob a saia, ela está nua, sensual, ousada, lasciva. Eu me entrego, Babi me monta, me aperta forte e me segura, e eu perco todo o controle. Ela sussurra: "Continue, continue, continue", e se afasta quando gozo dentro dela. Ela desaba sobre mim e, no momento em que me dá um beijo leve, eu me sinto culpado. Gin. Quando ele volta para o carro, suas palavras são mais afiadas que uma faca:

—Vou me casar daqui a alguns meses.

Foi isso que Babi me disse, ainda ardendo com a lembrança de termos estado juntos, dos meus beijos, do nosso sexo, dos nossos suspiros.

—Vou me casar daqui a alguns meses.

Como uma música que toca em loop.

—Vou me casar daqui a alguns meses.

Foi instantâneo, meu estômago embrulhou, eu não conseguia respirar.

—Vou me casar daqui a alguns meses.

Me pareceu que tudo acabou naquela noite. Me senti sujo, estúpido, culpado, então decidi contar a verdade para Gin. Pedi desculpas porque queria apagar Babi da minha vida, e aquele Step bêbado de rum da dela também. Mas será que existe perdão para o amor? —Você está tentando descobrir quando foi isso?

A voz de Babi me traz de volta ao presente.

—Não acho que haja muita dúvida, ou qualquer possibilidade de estar errado. Foi a

última vez que nos vimos. Quando nos encontramos naquela festa.

E ela me olha com malícia. Parece ser a mesma garota de antes. É quase doloroso desviar o olhar, mas eu preciso, sim.

—Eu tinha bebido.

—Sim, é verdade. Talvez seja por isso que seus beijos pareceram ainda mais apaixonados. Você estava fora de controle. —Então ela se cala—. Foi naquela noite.
—E ela esboça metade

Ela sorri, na esperança de compartilhar sua declaração comigo. Se ao menos não precisasse acrescentar algo cruel imediatamente. Então, ela baixa os olhos, como se fosse mais fácil olhar para o chão, para aquele cascalho sem graça que cerca nossos pés. E começa uma estranha oração: "Eu sabia que você tinha ficado dentro de mim, ou que, em todo caso, algo tinha acontecido, algo tinha se perdido... ou se recuperado. Mas eu tinha certeza de que, se eu tivesse te seguido, minha vida teria tomado um rumo diferente, eu teria mudado minha escolha, desfazendo a decisão que havia tomado. Paixão e vida cotidiana são duas coisas diferentes. Minha mãe sempre me dizia: depois de alguns anos, tudo permanece, exceto a paixão. Você se lembra de como discutimos ultimamente? Estávamos crescendo de maneiras diferentes."

É verdade, discutíamos muito; eu já não a reconhecia. Tinha medo de perdê-la e não sabia como me agarrar a ela. Aquelas ondas que nos arrastaram agora nos atiravam em terreno mais precário, mais frágil. Pelo menos, era assim que eu me sentia.

—Então, no dia seguinte, eu estava com ele. Foi incrivelmente difícil, porque eu ainda sentia seu cheiro em mim, mas tive que criar uma cortina de fumaça. Depois, chorei. Senti o vazio, a melancolia, a falta de sentido. Eu gostaria de ter tido a liberdade de decidir sobre a minha vida... E eu não tive liberdade, eu não sabia o que decidir.

Ela levanta o rosto, vira-se para mim, percebo que está me olhando, mas mantenho os olhos no chão. Então levanto a cabeça também e olho para o horizonte, o mais longe possível. O que significa "ser livre para decidir sobre a minha vida"? Mas se a sua vida não é sua, de quem é? De quem poderia ser? Por que Babi sempre teve essas ideias estranhas, que, francamente, nunca entendi? Como se a vida dela fosse condicionada por alguém ou alguma coisa, como se ela pertencesse a outros, como se não pudesse viver plenamente seus desejos, ser verdadeiramente ela mesma. Só em certos momentos ela parecia independente, divertida, livre e rebelde: quando perdíamos a noção do tempo no caminho para casa, na escola e nas provas, quando estava comigo e dizia que me amava e me abraçava forte, e quando fazíamos amor e ela entrelaçava as pernas nas minhas costas, para ser mais minha, para me impedir de ir embora. Como naquela noite.

"Por que você acha que poderia ser meu?" Mas assim que termino a frase, eu o vejo chegando de bicicleta.

Ele pedala em alta velocidade, em pé, deslizando de um jeito estranho, fazendo uma espécie de derrapagem, do seu jeito único. Finalmente, a bicicleta cai no chão, mas ele permanece de pé e nos olha, um pouco envergonhado.

"Mãe, aquele menino tem." Ela aponta com o queixo para algo atrás dela.

"Talvez ele ande de bicicleta há mais tempo! É o seu primeiro dia." E ao ouvir essa explicação, ele se sente orgulhoso e convicto mais uma vez.

—É verdade, quero tentar de novo. —Então, como se estivesse se lembrando de mim, ele diz: — Step, você sabe andar de bicicleta?

—Sim, um pouco.

—Ah... —Ele parece satisfeito.

E, como se isso não bastasse, Babi acrescenta:

—Ele é modesto: pilota muito bem, sabe fazer coisas com a bicicleta que você nem imaginaria.

Imaginar...

"Que legal!" Ele sorri para mim, olhando-me de um ângulo diferente. "Então você tem que voltar ao parque e trazer sua bicicleta para me ensinar." E, depois dessa última frase, sem querer esperar por uma resposta, sem querer ouvir um "não" e ficar decepcionado, ou por qualquer outro motivo, ele sai correndo.

Babi olha fixamente para ele.

"Você ainda tem alguma dúvida de que ele não é seu filho? Ele é idêntico a você em todos os sentidos, até mesmo no que faz. Há apenas uma coisa em que ele é ligeiramente diferente. E de repente, como se eu acordasse, me viro imediatamente para ela, com uma curiosidade que talvez nunca tenha sentido antes."

-Qual?

"Ele é mais bonito!", ela responde, e cai na gargalhada, satisfeita por ter me enganado, fecha os olhos, joga a cabeça para trás e mexe as pernas, e seu vestido sobe, mostrando-os, agora, em todo o seu esplendor.

Ela é linda. Ela é deslumbrante, mais feminina, mais sensual, mas também é mãe. Será que é isso que a torna tão desejável? E as palavras dela me vêm à mente: "Tive que criar uma cortina de fumaça". E, estranhamente, isso me excita, e é exatamente por isso que me sinto culpado. Então Babi para de rir e coloca a mão no meu braço.

—Com licença, não sei o que me deu.

Ela fica séria, embora caia na gargalhada novamente. Mesmo assim, tenta se conter e, silenciosamente, faz um sinal de pare com a mão, como quem diz: "Espere, eu consigo agora". E, de fato, faz uma última tentativa de rir e então para.

"Ok, vou falar sério." Ela recupera o fôlego. "Você não faz ideia de como estou feliz. Imaginei este momento todos os dias desde que ele nasceu. Tudo o que eu queria era te encontrar, que você o visse, que compartilhasse isso com você. Todos os dias eu o segurava nos braços, o amamentava, o embalava, o colocava para dormir, o amamentava de novo, à noite, sozinha, ao amanhecer. Sim, em cada um desses momentos, você estava comigo." Ela me olha, profundamente emocionada, com os olhos cheios de lágrimas. "É por isso que não senti sua falta, porque você nunca foi embora."

Permaneço em silêncio, olhando para a camiseta, idêntica à que Massimo, nosso filho, está vestindo. Então Babi se levanta. Ela deixa um pedaço de papel sobre a mesa e algum dinheiro na conta que nos trouxeram. Não tenho tempo de dizer nada. Ela faz tudo sozinha.

—Deixe-me te dar um presente... No fundo, eu era quem esperava que nos encontrássemos. Aqui estão meus números. Ligue quando quiser. Adoraria te ver de novo. Tenho tanta coisa para te contar.

E ele sai assim, de costas para mim. E me vem à mente aquela música do Baglioni:*«E aquela bagunça que você deixou nos meus papéis, saindo daquele jeito, como na nossa primeira cena, só que estávamos saindo de costas um para o outro...»*."E essa bagunça que você deixou nos meus papéis, saindo assim, igualzinho à nossa primeira cena, só que estávamos saindo de costas um para o outro..."[3]Por outro lado, sempre odiei essa música, talvez porque sempre temi que meu momento também chegasse. E agora chegou.*"Se realmente existisse aquele momento de eternidade que não existe..."*"Se realmente existiu aquele instante de eternidade que já não existe..."[4]E eu a vejo passar a mão pelos cabelos daquele menino, tão escuros quanto os meus. E olho para aquela mulher, com sua jaqueta jeans sobre o corpo.

Aquele vestido branco com estampas vermelhas, azuis e azul-claras, que lembrava veleiros e guarda-sóis, semelhante aos vestidos que já segurei em meus braços inúmeras vezes, e ainda assim, não era suficiente. Mas haverá algum momento em que me sentirei saciada pelo seu amor? Aconteça o que acontecer, mesmo que um dia eu finalmente tenha você só para mim, essa fome que sinto por você será algum dia saciada? Mas eu respondo a mim mesma que não, nunca terei o suficiente de você.

Estou condenado. Babi foi feita para mim, é tudo o que não consigo entender. Ela elimina qualquer razão, tira-me a capacidade de ser decisivo, determinado, severo, talvez até mesmo raivoso. E eu continuo te observando ir embora assim, de costas para mim, com esse jeito de andar que é só seu, e mesmo que seis anos tenham se passado, eu nunca te esqueci, e talvez nunca esqueça. Sua bunda, suas pernas já levemente bronzeadas, e aqueles sapatos azuis de salto alto, de corda ou cortiça talvez, que

acompanham cada um dos seus passos. E você não se vira, mas aquele garoto se vira, levanta a mão, acena e sorri para mim, me machucando ainda mais do que já me senti até agora.

DOCE

Volto para o carro. Não consigo acreditar. Assim, num dia comum, como tantos outros, minha vida muda: tenho um filho. E não se trata de algo que está destinado a acontecer, algo que vem se formando, algo que virá algum dia. Não, meu filho já está aqui. Ele se parece comigo: bonito, sorridente, engraçado. E de repente sinto uma inveja que nunca imaginei ser possível. Inveja de um homem, mesmo ele sendo apenas um menino. Porque imagino o pai dele, que nem é seu pai biológico, repreendendo-o, abraçando-o, beijando-o, apertando-o forte nos braços e dizendo palavras de amor. Palavras que são minhas, que me pertencem, que deveriam me pertencer, somente a mim e a mais ninguém. Então, me vem à mente a imagem desse hipotético pai falso agarrando sua mão com força e puxando a própria, batendo nele, gritando com ele, maltratando-o, humilhando-o na frente de estranhos, como vi acontecer uma vez num restaurante enquanto eu esperava meus amigos. Um homem pegou a mão do filho pequeno e bateu-a repetidamente contra a mesa, fazendo-o chorar silenciosamente. A mulher, mãe do menino, não disse nada, continuou a bebericar seu vinho, virou-se e só quando percebeu que eu tinha presenciado tudo, corou e sussurrou algo no ouvido do homem. Eu fiquei olhando para a mesa, para o menino que chorava em silêncio. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, a cabeça baixa, como as crianças fazem quando querem esconder a tristeza. O que ele tinha feito era tão grave assim? Teria sido punido por fazer um pouco de barulho? A mulher estava visivelmente desconfortável, os olhos arregalados enquanto olhava para o marido, como se dissesse: "Estamos sendo observados". Ele se comportou dessa maneira simplesmente porque sentiu a desaprovação de uma estranha? Nosso comportamento só é inadequado quando alguém está olhando? Somos incapazes de julgar a gravidade de nossas ações por nós mesmos? Precisamos que alguém esteja presente para nos sentirmos envergonhados? Continuei olhando para a mesa. Ela fingiu não me ver, mas eu podia sentir o canto do seu olho. O homem se virou por um instante, olhando em volta, e quando seu olhar encontrou o meu, deu de ombros e continuou comendo o que estava à sua frente. Então, deu um empurrão forte no menino, fazendo-o pular de susto. O homem apontou para o prato e sacudiu sua mão bruscamente de novo, como quem diz: "Vamos, coma, não piore as coisas, o que você está esperando?". Então o menino, ainda de cabeça baixa, pegou um

garfo e com a outra mão começou a brincar um pouco com o que estava no prato; depois, após outro tapa do pai, levou à boca. Sim, tudo parecia normal, mas seus ombros tremiam de vez em quando, no ritmo de um soluço persistente. Eu gostaria de ter encontrado o olhar daquele homem novamente e erguido o queixo num gesto de desafio.

Foi um desafio, e se ele tivesse respondido, talvez tivéssemos brigado ali mesmo no restaurante, ou eu o teria convidado para sair. Mas então aquele garoto olhou em volta, me viu, e quando sorri para ele, ele sorriu de volta, um pouco envergonhado. Não, talvez por ele eu não tivesse feito isso, eu não teria humilhado o pai dele. O pai dele. Aquele homem que o tratou daquele jeito. E Massimo? Como vai o homem que se diz...*pai* Com ele? Como será o marido da Babi com o meu filho? Será paciente, atencioso, brincará com ele? Ou talvez os gritos, as exigências, a vontade de brincar o irritem? Sim, aliás, imagino o Massimo, entre ele e a televisão durante um jogo de futebol, talvez até torcedor da Roma, e como não deixou o filho ver um gol sem importância, porque, afinal, estão perdendo por três e o jogo está nos minutos finais dos acréscimos do segundo tempo, o homem chuta o meu filho e depois esmaga com o pé um brinquedo de que o Massimo gosta muito. Despedaça um caminhão de bombeiros em mil pedaços que nunca poderão salvar ninguém, ou a boneca Masha, de um jeito que o ursinho se arrependerá para sempre, mas, seja o que for, ele faz isso com raiva, levando o Massimo ao desespero enquanto tenta juntar os pedaços e reconstruir o brinquedo. Meus pensamentos, as projeções dolorosas, as imagens daquela criança, tudo explode. Escuro.

—Droga, olha por onde anda, seu idiota!

Eu esbarro em alguém, o rosto dele bem na minha frente. Vejo olhos grandes, cabelo escuro e encaracolado, barba, jaqueta, um adulto, um homem gordo, aquela voz rouca. E, instintivamente, minhas mãos disparam em direção à sua garganta, eu o jogo contra a parede atrás de mim, aperto seu pescoço com força e o levanto, e continuo empurrando. Vejo suas pernas se debatendo no ar a poucos centímetros do chão, enquanto eu aperto, aperto e aperto ainda mais forte, e então, de repente, vejo Massimo se aproximando de bicicleta e ele sorri para mim. E balança a cabeça negativamente.

—Step... Não, ele não tem nada a ver com isso.

É verdade. Percebo o que está acontecendo; tenho o pescoço de um homem em minhas mãos. Ele deve ter uns quarenta anos, os olhos fechados, semicerrados, como se estivesse lutando para respirar; então eu o solto, afrouxo o aperto, e ele lentamente desaba, tossindo. E olho para minhas mãos, ainda vermelhas e inchadas. Encaro-as horrorizada, como se estivessem manchadas de sangue; só agora percebo como a raiva me cegou. Mas o homem em meus pensamentos estava abusando do meu filho. Meu

filho. Então me viro; Massimo sumiu, não há mais ninguém ali. Ajudo o homem a se levantar.

"Com licença..." Não sei mais o que dizer. "Não queria incomodar..." Mas vejo que ele me olha, confuso, e percebo que é melhor ir embora sem acrescentar mais nada para não piorar a situação.

PASSAR

Entro no escritório e me tranco na minha mesa sem cumprimentar ninguém. Abro a geladeira azul e pego uma Coca-Cola. Me encosto na porta, sentindo os ímãs de tantas viagens pelas minhas costas. Tento reconhecer alguns deles, mas não consigo. No entanto, se eu me concentrasse bastante, conseguiria nomeá-los todos. Mas não me concentro. Não é divertido. Eu gostaria de ter uma garrafa de rum em vez de Coca-Cola, um J. Bally's, sim, e eu viraria tudo, como fazem nos filmes. Mesmo sabendo que lá rum e uísque são só água e Coca-Cola... Embora algumas pessoas realmente bebam, para tornar a coisa mais verossímil, para ver o que acontece. Martin Sheen fez isso em*Apocalipse Agora*E a cena é incrivelmente verossímil. Dizem que ele começou a socar um espelho e cortou as mãos. Talvez tenha sido porque Martin Sheen estava completando 36 anos no dia da filmagem e comemorou completamente bêbado. Eu estou quase fazendo 29, não é meu aniversário, mas talvez eu também tenha algo para comemorar. E nessa mesma filmagem, que deveria durar apenas cinco meses, mas acabou se arrastando para sempre, Martin sofreu um ataque cardíaco. Então eu abro a garrafa e me apego a ela, tentando imitar Martin Sheen o mais fielmente possível, mas sem álcool! Viro toda a Coca-Cola e algo me vem à mente: Martin Sheen tem vários filhos, alguns dos quais usaram seu sobrenome verdadeiro, Estevez. Apenas um usou seu nome artístico: Charlie Sheen. Ele fez muito sucesso, mas é alcoólatra. Ele se meteu em todo tipo de encrenca, chegou a ser demitido de uma série de TV onde ganhava dois milhões de dólares por episódio, um recorde para muitos atores americanos. Um fio sutil e amaldiçoado liga as vidas turbulentas de Martin e Charlie Sheen; Até a semelhança física entre eles é impressionante. Será que o mesmo acontecerá entre Massimo e eu? Talvez eu nunca saiba. Esse pensamento me enche de desespero, e eu realmente gostaria de ter uma garrafa de rum e poder bebê-la direto do gargalo, sem copo, sem parar, num só gole, até desmaiar.

Ouço uma batida na porta. Tomo o último gole e jogo a garrafa no lixo, conseguindo, pelo menos, marcar um ponto.

-Quem é?

-Eles.

Reconheço essa voz, essa confiança. Sim, talvez seja bom para mim conversar com alguém. —Entre.

Ele abre a porta, entra e se aproxima da geladeira, pega também uma Coca-Cola e, antes de fechá-la novamente, olha para mim, sorri e faz uma pergunta completamente retórica: "Posso?"

—Capullo... —Eu te desafio.

Então ela sorri, abre a caixa de correio e senta-se na grande poltrona de couro perto da janela. — Bem, aquela parte sobre*casulo*Isso me faz pensar que não pode ser tão ruim assim, que nem tudo está perdido...

Olho para Giorgio, que ri, convencido de que sabe tudo. Ele é pelo menos quinze anos mais velho do que eu, mas ainda tem um ar juvenil e cabelos compridos; surfa, pratica kitesurf, ganhou inúmeros campeonatos pelo mundo e até o vi lutar uma vez. Resumindo, eu não gostaria de brigar com ele. Sua especialidade é dinheiro. Ele sabe como fazê-lo render, como conseguir empréstimos e como pagá-los com lucro. Se estou neste escritório, é graças a ele. No fundo, ele praticamente me deu a Coca-Cola, a geladeira e tudo mais. E o mais importante é que confio nele. Não é que ele tenha substituído o Pollo, mas ele me faz sentir menos mal quando sinto falta dele.

—E então? Conte isso ao seu Giorgio...

-O fato de que?

—Ah, não sei. Se você se tranca no escritório desse jeito, alguma coisa deve ter acontecido; e se, além disso, você já tomou uma Coca-Cola quando eu entrei, então é mais sério do que eu pensava. Deixe-me fazer uma pergunta: você teria preferido uma garrafa de rum, uísque ou qualquer outro tipo de bebida alcoólica em vez da Coca-Cola?

-Sim...

—Bem, é isso: a situação é muito mais séria do que previámos. Ele cruza as pernas e toma um gole.

—Eu tenho um filho.

Ele se engasga instantaneamente. Um pouco de Coca-Cola acaba em seu suéter; ele rapidamente limpa com a manga e se levanta da cadeira graças às suas pernas fortes.

—Nossa! Que notícia maravilhosa, temos que comemorar! Estou muito feliz por vocês! É incrível; a Gin contou para vocês hoje?

—Eu tenho um filho de seis anos.

—Ah.

Ele não diz mais nada e se senta novamente na poltrona, deixando tudo cair. Eu abro os braços.

"Eu não te disse que a Gin está grávida. Eu disse 'Eu tenho'..." "Sim, eu não tinha percebido esse detalhe. Então as coisas ficam mais complicadas. E de quem é o pai? Eu a conheço?"

-Porco.

—Babi? Mas como isso é possível? Você me falou dela, sim, mas eu não achei que você a tivesse visto. Como isso aconteceu? Como você descobriu?

—Encontrei-a hoje na Villa Medici... Por acaso...

E no instante em que digo isso, parece-me incrivelmente claro.

—Giuliana...

—O que Giuliana tem a ver com isso?

Enquanto Giorgio tenta entender alguma coisa, eu a chamo pelo

interfone. "Pode nos encontrar aqui? Obrigada."

Após alguns segundos, alguém bate à porta.

-Avançar.

Ela está vestida de forma simples e parece calma. Ela carrega uma pasta. "Trouxe isto para você assinar; estes são os registros dos outros dois formulários que Antonello preencheu seguindo suas instruções."

—Sim, obrigada, deixe-os lá em cima. —Aponto para a pequena mesa vermelha—. Feche a porta. Obrigada.

Ela está prestes a sair.

—Não, não, fique aqui, você está com pressa para ir embora?

Vejo-a corar. Giorgio também percebe, e sua expressão muda, como que dizendo: "Droga, não sei porquê, mas seja lá o que for, você tem razão." —Sente-se, sente-se, por favor...

Giuliana senta-se na cadeira no meio da sala, de frente para a minha mesa. Então começo a caminhar de costas para ela.

"Você não me perguntou se eu gostei da exposição de Balthus..." "É verdade. Mas eu o vi entrar apressadamente e fechar a porta; pensei que ele não queria ser incomodado."

—Você tem razão, mas agora que está aqui, pode me perguntar.

Eu me viro e a encaro; ela olha para mim e depois para Giorgio, buscando sua ajuda; ela não encontra nada em que se apoiar, então respira fundo e começa a falar:

—Você já foi à exposição? Gostou?

Observo suas mãos. Estão apoiadas em suas pernas; ela é recatada, educada. Tem traços elegantes, mas se alguém olhasse mais atentamente para seu pescoço, veria um pulso acelerado. Sorrio.

—Gostei muito, embora não saiba quanto custou o ingresso... Ela olha para

mim, levanta uma sobrancelha, sorri e balança a cabeça em surpresa.

—Ah, nada. Era um ingresso grátis... Era um convite.

De repente, me viro, dura, fria.

"Eu sei. Eu quis dizer quanto custou àquela mulher para você me convidar."

"Sério..."

Faço um gesto para que ela pare de falar, fecho os olhos e os abro novamente. Olho para ela. Permaneço em silêncio. Talvez ela esteja começando a entender o que eu me torno quando perco o controle. Mas continuo falando com ela em um tom calmo, pronunciando cada palavra com clareza.

—Você só tem uma chance. E vou repetir só mais uma vez: quanto dinheiro ele te deu?

Então Giuliana solta uma risada estranha, quase um resmungo.

E num instante eu corro para a frente da cadeira dela e grito a plenos pulmões: "Giuliana, não me enche o saco! É importante."

Giorgio dá um pulo na cadeira. Ela empalidece, engole em seco e percebe que a situação é séria, muito séria. Então a voz de Giorgio chega até ela por trás, calma, mas firme:

—Talvez fosse melhor para você se falasse.

Um silêncio profundo paira sobre a sala; ninguém respira. Giuliana começa a brincar com o dedo indicador esquerdo, arranhando-o e descascando-o nervosamente, machucando-o, tentando de todas as maneiras possíveis.

Ele puxa um pouco da pele em volta da unha e, sem levantar a cabeça, confessa: "Ele me deu quinhentos euros."

Olho para Giorgio, sorrio e abro os braços. Vou me sentar na poltrona e coloco as mãos sobre a mesa.

—Quinhentos euros. Quanto você ganha na nossa empresa?

Giorgio suspira.

—Mil e quinhentos, líquido!

"Quinhentos euros equivalem a trinta denários hoje em dia..." comento sarcasticamente. Giuliana levanta o rosto, o olhar implorando meu perdão.

—Conte-me o que aconteceu.

Então respire fundo e comece a falar.

QUATORZE

—Eu a via todos os dias no bar onde gosto de tomar café da manhã. Ela sempre

chegava antes de mim. Sentava-se num canto, lia o jornal,*A República*Acho que sim, mas era como se minha cabeça estivesse em outro lugar. Uma manhã, eu estava no balcão pedindo meu cereal e croissant com mel de sempre, e eles tinham acabado. Então ela veio até mim e me ofereceu o dela. Eu não queria, mas ela insistiu muito educadamente; no fim, dividimos e acabamos tomando café da manhã juntas. Foi assim que nos conhecemos. E a partir daquele dia, começamos a conversar e, de certa forma, nos tornamos amigas.

Giorgio escuta atentamente e gesticula para mim como quem diz: "Você está em maus lençóis, meu amigo, aquela mulher tinha tudo planejado." E eu não posso deixar de concordar.

—Ah, e o que você confidenciou a esse novo amigo?

Giuliana permanece em silêncio. Eu insisto:

"O que ela disse sobre mim? E, principalmente, o que você disse a ela?" Giuliana ergue a cabeça bruscamente e a balança como quem diz: "Não disse nada", mas não acredito nela. "Não se distraia, continue."

Giuliana está percebendo que se meteu em algo que está além de suas capacidades; ela pode estar pensando: "Teria sido melhor trocar o croissant de cereal por uma rosquinha recheada com creme." E ela continua:

"Ela me perguntou coisas triviais, como onde eu trabalhava, o que eu fazia, e quando contei sobre minhas funções e a empresa para a qual eu trabalhava, ela me elogiou bastante. Mas não me perguntou mais nada..." "O que mais ela poderia ter perguntado?", penso comigo mesmo, sem interrompê-la. "Em outra ocasião, porém, ela me contou sobre o que faz; ela é ilustradora de livros infantis. Disse que entrou nessa área meio que por acaso, que depois do ensino médio se matriculou em Economia e Administração, mas não gostou. Então ela me mostrou..."*livro*Ela estudou no IED e eu achei ela muito boa; ela tem um estilo ótimo. De forma muito encantadora, ela acrescentou: "Talvez eles gostassem na sua empresa; eu poderia criar um logotipo mais artístico", e então me perguntou o nome do meu chefe. Eu disse a ela; não é segredo. Ela ficou surpresa: "Não, não acredito, ele é um grande amigo meu". E então eu disse: "Melhor ainda, assim você não precisa que eu veja o seu trabalho..."

Olho para Giorgio, ambos estamos perplexos.

—Mas notei que ela parecia um pouco triste e perguntei se havia algo errado. Então ela confessou que eles tinham tido problemas no passado e que, infelizmente, sem culpa dela, o relacionamento não tinha dado certo.

Estou ainda mais confusa do que antes. Felizmente, Giorgio vem em meu auxílio. "Então, não entendi; ela te ofereceu quinhentos euros para encontrar Stefano por acaso? Explique isso melhor para nós; pelo que você está dizendo, muitas coisas não fazem

sentido."

"Na verdade, nada mais aconteceu naquele dia. Nunca mais a vi depois disso. Fiquei triste, mas depois ela reapareceu, há cerca de um mês, talvez menos. Ela já tinha levado os croissants de cereais, dizendo que assim não acabariam, e quando me sentei à mesa, fez um sinal para o garçom me trazer um cappuccino com leite desnatado gelado. Ela já sabia todas as minhas preferências."

Ele cai na gargalhada, e eu olho para Giorgio, que evita meu olhar, mas simplesmente lhe diz: "Continue. E depois?"

"Naquele dia, algo aconteceu. Sempre com seu jeito encantador, ela me disse: 'Você precisa saber a verdade; só assim poderá decidir se vai me ajudar ou não...'" Ela interrompe a frase, como se quisesse criar suspense. "Eu me senti um pouco desconfortável, então fui ao banheiro. Quando voltei, vi uma pasta em cima da mesa. Pensei que contivesse mais desenhos dela, mas me enganei..."

Desta vez, Giuliana conseguiu criar alguma tensão; talvez tenha assistido a muitos episódios de "El secreto de Puente Viejo". Felizmente, não há intervalo comercial e ela continua com sua história.

Ele me disse: "Abra", então vi que era uma página de um jornal antigo.*O Mensageiro*.

Giorgio levanta uma sobrancelha, confuso; eu, por outro lado, entendo imediatamente.

—Havia uma foto dos dois, eles estavam numa moto, fugindo da polícia, pelo menos era o que estava escrito embaixo. Eu não entendi nada, e foi exatamente isso que eu disse para ele: "Mas, o que essa história significa?"

E Giuliana permanece em silêncio, como se revivesse aquela cena, apenas Giorgio e eu estamos presentes e, de maneiras diferentes, ambos consumidos pela curiosidade. Então, em uníssono, sem termos combinado antes, dizemos: "E então...?"

—Ele não me deu nenhuma explicação, apenas me disse: "Perdi a oportunidade de ser feliz."

QUINCE

Os gregos diziam que o destino é a irrupção do inesperado, uma variável momentânea que, no entanto, tem a força de um furacão. Sinto-me como se tivesse sido derrubado. Em um único dia, estão acontecendo coisas que não aconteciam há seis anos. É por isso que os gregos consultavam os oráculos, para perguntar como transformar a força do destino. Felizmente, tenho Giorgio, que assume o controle da situação, apesar de

não ser exatamente o Oráculo de Delfos.

—Agora nos deixem em paz, por favor.

Então Giuliana se levanta e caminha silenciosamente em direção à porta. Antes de sair, ela se vira por um instante e olha para mim.

"Não sei, essa frase me impressionou de alguma forma. Pensei que talvez tivesse sido o mesmo para você. Sim, em certa medida fiz isso pela sua felicidade." Ele esboça um leve sorriso, como alguém que sabe que meteu os pés pelas mãos. Então sai, fechando a porta atrás de si.

Giorgio se levanta, vai até a geladeira e a abre. Ele olha lá dentro.

—Bem, considerando o que está acontecendo neste escritório, eu mudaria o tipo de bebidas. De agora em diante, nada de Coca-Cola e chá verde, mas cerveja, vodca, rum... Quer dizer, eu passaria para bebidas destiladas. Parece que teremos que enfrentar algumas situações novas, não é? Acho que entendi que estamos lidando com um caso de "busca da felicidade".

—Droga, não me faça rir e me dê outra Coca-Cola...

—E quem quer te fazer rir? —diz ele, olhando para a garrafa com pouca convicção.

—O quê? Mesmo que seja só isso, poderia ser um bom enredo para uma série...

—Ah, com certeza. Fazemos programas de entretenimento, concursos e jogos. Talvez seja uma boa ideia começar com séries.

—E este é o início de um excelente primeiro capítulo. Mas a questão é: o que acontece a seguir?

Então, sou obrigado a analisar a situação sob uma certa perspectiva. — Bem, acabei indo à exposição de Balthus porque ela queria me conhecer. Esse é o primeiro fato verdadeiro. O segundo é que Babi não tem nenhuma intenção de trabalhar conosco.

—Tem certeza?

"Babi jamais faria uma coisa dessas." E, ao dizer essas palavras, eu Percebo que já não posso ter certeza de nada.

Quem é Babi, afinal? O que aconteceu durante todo esse tempo? O quanto ela pode ter mudado? Encaro a Coca-Cola. É verdade, precisamos de bebida alcoólica; ajudaria em situações como esta.

"Digamos que Babi não estava procurando emprego. Ela estava lá para que eu pudesse ver meu filho." E ao dizer essa última palavra, sinto algo novo; meu estômago se contrai e meu coração aperta ao mesmo tempo. Perco a compostura, sinto que vou ter um ataque de pânico, mas consigo me acalmar e respirar fundo.

De alguma forma, Giorgio percebeu algo e me deixa em paz, me dá um tempo e para de me importunar com suas perguntas.

—Você quer que eu te deixe sozinho por um tempo?

—Não, não se preocupe.

—Você quer conversar sobre isso?

—Sim, embora eu lhe assegure que realmente não sei o que dizer.

E de repente me lembro da camiseta que Babi me deu, idêntica à que meu filho estava usando.

"O nome dele é Massimo, ele tem cinco anos e é a minha cara", digo. "Embora seja muito bonito."

Giorgio cai na gargalhada.

—O que mais você vai dizer? Ele é seu filho!

—Sim, mas fico pensando por que ele esperou tanto tempo. Por que ele queria que eu soubesse agora?

—Porque antes você teria feito um escândalo, porque talvez você quisesse uma vida diferente para ela.

-Sim.

Fiquei atônito. Uma vida completamente diferente com ela. Ela estava grávida do meu filho e prestes a se casar. Era injusto. Ela agiu por conta própria, sem pensar em mim, e eu fazia parte daquela vida, do que estava sendo criado, do que já era realidade. Eu tinha o direito de opinar. E de repente me lembro da última noite com Babi e dela me dizendo: "Vai em frente, não se preocupe". E depois, suas palavras no carro, quando tentei entender por que ela queria que eu ejaculasse dentro dela. Ela me tranquilizou: "Não se preocupe, eu tomo pílula". E eu não pensei mais nisso. Esqueci tudo com suas últimas palavras: "Vou me casar daqui a alguns meses".

Minha alma congelou. Era como se tudo tivesse escurecido, o filme rasgado como às vezes acontecia em casa, quando meu pai ligava o projetor Super 8 na sala e, de repente, ouvia-se aquele baque surdo, o filme rasgava, a tela ficava completamente branca, inundada pela luz livre mais uma vez. Mas eu tinha certeza de que meu pai colaria o filme de volta e eu conseguiria continuar assistindo, entender um pouco mais, saber como terminava. Com Babi, porém, depois daquela noite, o filme se rasgou para sempre.

—O que você decidiu? O que você quer fazer?

Olho para Giorgio surpresa, ainda fascinada.

—Você pretende contar para eles em casa?

—Não sei. É tudo tão estranho... Preciso pensar sobre isso.

—Babi quer que você reconheça seu filho?

—Acho que não, embora não tenhamos conversado sobre isso.

—Ela quer dinheiro para despesas de moradia, escola...

"Olha, talvez você não tenha entendido, eu não faço ideia do que você está dizendo. Tudo aconteceu tão rápido. Fui arrastado, catapultado para o passado contra a minha vontade, e estou descobrindo não só que esse passado é o presente, mas também o futuro... Eu pensei que tinha esquecido Babi, mas existe algo que me liga a ela para sempre: eu tenho um filho."

—Claro. De qualquer forma, de uma coisa eu tenho certeza...

Ele se levanta e caminha decidido em direção à porta, e eu, vendo sua determinação, finalmente vislumbro uma réstia de esperança, porque quando você está tão confuso, precisa de alguém que também tenha as coisas claras para você. Então, eu o observo com grande curiosidade.

-Que?

—Vou demitir a Giuliana imediatamente.

DEZESSEIS

Sento-me à mesa e começo a trabalhar, revisando alguns documentos e lendo o roteiro do novo programa da tarde. Minha mente divaga, mas acompanho os segmentos com divertimento. Não é ruim. É um programa de perguntas e respostas sobre a escola, com assuntos e questões de conhecimentos gerais. O diretor, os professores e, claro, os alunos aparecem, que também são os participantes. Quando erram uma resposta três vezes, vão para trás do quadro-negro e encontram o diretor para a pergunta final. Há seis participantes, depois o número cai para quatro e, finalmente, para dois. Acho perfeito para a programação que antecede o evento.*horário nobre*Da Rete 2, o canal que transmite entre o final do noticiário e o horário nobre. Chiara Falagni, a assistente de direção, informou Giorgio sobre o que eles descartaram e o que estão procurando, e parece que o que eles precisam é justamente esse tipo de programa. Temos a reunião amanhã. Essa é a força de Giorgio: ele usa o dinheiro com sabedoria. Ele quer investir 40% dos lucros em reportagens, relacionamentos, aquisições, participações em empresas, colaborações em novos projetos, aplicativos em potencial, canais emergentes e pequenas produções.

“Não podemos ficar parados. Seguir em frente é o futuro da Futura.” Esse é o nome que demos à empresa. Giorgio estudou a ideia, calculou os riscos e os investimentos e abriu uma empresa em Miami, uma em Marbella e outra em Berlim. Escritórios pequenos que mantêm o produto em movimento. Em seis anos de trabalho árduo, agora transmitimos vinte e três programas entre a Itália e a Europa. Não posso reclamar. Giorgio Renzi é a melhor aquisição que eu poderia ter feito. Foi Marcantonio

Mazzocca, o designer gráfico com quem comecei os primeiros projetos na Rete, quem o indicou. Nos vemos de vez em quando e mantemos um bom relacionamento. Ele não quis entrar para a Futura quando lhe propus a ideia. Que estranho, talvez ele não confiasse na empresa. Seria necessário um capital inicial que, se ele tivesse tido coragem e vontade, teria recuperado muito rapidamente, considerando como as coisas têm ido. Mas ele preferiu permanecer independente e, acima de tudo, não estava disposto a correr riscos. Alguém como Giorgio, por outro lado, poderia facilmente ter aberto a Futura sozinho; ele não precisava de mim. E, no entanto, quando o conheci por intermédio de Mazzocca, fiquei impressionado com sua determinação: "Conheço sua história, quero trabalhar com você", disse-me. E quando lhe perguntei por quê, ele simplesmente respondeu: "É como quando você pratica kitesurf ou windsurf. Tudo o que você espera é vento..."

Assenti com a cabeça, fingindo entender, mas na verdade, ainda não compreendia o motivo daquela resposta. Devo dizer que fiquei perplexo naquele dia e pensei: "Será que..."

"Então, entrar para esse cara? Ele parece um daqueles caras que ficavam bombados na academia." E, no entanto, às vezes você tem que confiar em quem confia em você. Deixe de lado seus medos e preconceitos. As melhores coisas sempre são feitas em conjunto. Dois é um número positivo, como as duas mãos que amarram seus sapatos ou puxam a mão de alguém para salvá-lo; tente fazer isso com uma mão só! E então eu penso em como foi minha vida, no meu grupo. Éramos muitos, mas às vezes, lá no meio, eu me sentia sozinho. E então um pouco de cada um volta para mim: Siciliano, Hook, Schello, Bunny, Lucone e, claro, Pollo. Nomes improváveis para caras durões, com motos potentes, um talento para piadas, mãos ásperas e rechonchudas, excelentes para dar socos. Como eu ri com aquela turma. O tempo não conhecia a medida das horas. Manhã, noite, dia, estávamos sempre juntos, em uma continuidade absurda e interminável. Se eles me vissem agora, o que me diriam?! Só sei que, há no máximo seis anos, eles me veriam como um advogado mesquinho, um daqueles advogados que, para ganhar a vida, lidam com pequenos processos por acidentes de trânsito de algum parente ou amigo.

Fico pensando no que cada um deles fará, se abrirão um pequeno bar em uma das muitas praias desconhecidas, na Itália ou no exterior, ou...*cama e café da manhã*Ou se trabalham em alguma oficina. Há pouco tempo, passei em frente à casa da Piper e vi o Hook na porta, com aquele tapa-olho que lhe rendeu o apelido; ele estava sorrindo para uns garotos que entravam na boate naquela tarde. Não acreditei no que vi: ele ainda usava sua jaqueta de couro, tão caipira como sempre, talvez até mais, porque agora está com uma barriguinha e um pouco menos de cabelo. E talvez um deles tenha começado

uma família. E então, de repente, um relâmpago corta o céu limpo, inesperado, surpreendente. Eu tenho um filho. Nem sei quando ele nasceu, se foi batizado, onde mora, quem é o pai dele. O pai dele? Eu sou o pai dele, o outro é só o padrasto, marido da Babi. E o Massimo, será que ele sabe de tudo isso? E a Babi? O que a Babi quer fazer? Será que ela vai contar para ele algum dia? Ele viveu seis anos sem mim, tanta coisa aconteceu... Então tiro o cartão dele do bolso. Olho para ele; É elegante, com uma caligrafia impecável — Babi Gervasi. Os números de telefone aparecem, o de casa e o do escritório. Eu deveria escrever para ela. Deveria pedir que me contasse mais. Mas será que quero saber mais? E, enquanto pego meu celular e fico olhando para ele, indecisa sobre o que fazer, recebo uma mensagem. É dela.

DEZESSETE

Naquela página amarelada do jornal, vi toda a nossa história de novo. Você se lembra de como eu me agarrava a você? Você sabe muito bem, porque vivia reclamando.

Fiquei estupefato com aquelas palavras. Vejo-me novamente, correndo de moto, a polícia local em nosso encalço, numa perseguição em que Babi acabou de sutiã e calcinha, vestindo apenas minha jaqueta. Ela caiu numa poça de lama, mas não era lama, era esterco. Me diverti muito provocando-a naquela noite, dizendo que com aquela aparência e o cheiro horrível, ela nunca mais subiria na minha moto. E ela, farta, tirou a roupa. Não pude deixar de notar como ela era linda, ainda mais quando estava brava, e quando chegamos à casa dela, eu não queria que ela fosse embora. Seus longos cabelos despenteados, sua pele pálida e trêmula. O azul dos seus olhos, nos quais eu adorava me perder, como quando a vi dançando no Vetrine e, com nosso amor recém-descoberto, fugimos para a noite na minha Honda azul-escura. Sinto a emoção de cada um daqueles momentos; Elas retornam como um tsunami de sentimentos, e eu me pergunto por que Babi negou tudo, por que quis congelar, deixar de lado, renegar tudo até que desaparecesse. Sinto até raiva, por ter desaparecido por seis longos anos e depois reaparecer assim, como se nada tivesse acontecido, e com uma criança como surpresa. Ela sempre fez as coisas do seu jeito, como quis, e continua fazendo. Então olho para o meu celular novamente e leio:

Acredite ou não, eu sofri terrivelmente tentando me distanciar de você. E eu digo*tentando*Porque, se as coisas chegaram a este ponto e agora estou com você, talvez eu deva admitir que nunca tive sucesso.

Claro... Mas você se casou, trouxe meu filho ao mundo, e eu nem sei em que clínica, com outro homem fazendo o papel de pai, e com a sua mãe, aquela mulher que

sempre me odiou, que provavelmente o segurou no colo antes mesmo de você, egoísta como é. Naquele momento, eu teria desejado que Massimo tivesse urinado nela, encharcando sua blusa de seda ou qualquer outra roupa elegante que ela estivesse usando naquele dia. E pensar no meu filho, o vingador, me dá vontade de rir.

Agora estou aqui novamente. Eu te vi e você parecia bem, muito bem, e fico feliz que tenha conhecido o Massimo. Não sei nada sobre a sua vida e gostaria muito que nos víssemos novamente. Talvez como amigos, mesmo que você não acredite em amizade entre um homem e uma mulher. Você sempre me dizia: "É bobagem... Talvez seja possível em um caso, se ambos já tiverem vivido o suficiente e muito tempo tiver passado."

É verdade. Ainda me lembro, estávamos jantando com Pollo e Pallina. Ele tinha Ele contou uma de suas piadas irreverentes. "Prefiro ser gay a sair com você!", disse, apontando para mim. Rimos e continuamos bebendo cerveja naquela noite divertida e tranquila, onde tudo era possível, tudo era infinito, e nosso riso, nossa felicidade, não conheciam limites. E eu vejo Pollo erguer sua Heineken, brindar com a minha e então se dissolver ao vento, assim como minha memória, como a vida que o levou de mim. E você, por outro lado, está aqui. Babi, você, que não merece isso, que não cumpriu nosso pacto e me fez sofrer sem fim. E eu sinto vontade de clamar ao Senhor: "Deus, que mal eu te fiz? Por que a devolves para mim?"

Mas não consigo pensar em nenhum motivo, e olho para o meu celular em busca de alguma explicação.

Enfim, uma coisa eu posso te dizer: estou tão feliz por ter te visto de novo, você não faz ideia. Vamos nos encontrar, se você quiser. Vou te escrever, a menos que você me diga que não quer mais notícias minhas. Adeus, Babi.

Por quê? Por que o destino sempre nos testa? Para ver se a decisão que tomamos foi a certa? Se era necessária? Então fico olhando para o meu celular. Seria tão fácil: "Não me ligue mais. Desapareça da minha vida para sempre." Faça o que ela fez comigo. Mas não, eu não consigo. Permaneço assim, suspensa, sem tomar nenhuma decisão, deixando a vida decidir por mim. Mas de uma coisa tenho certeza, e então ligo para ele no celular.

—Giorgio?

-Sim?

—Você demitiu a Giuliana?

—Sim, por quê? Você mudou de ideia?

—Não. Ele também deu meu número de telefone para ela.

DEZOITO

Quando saio, já está escurecendo. Pego minha bolsa e mando uma mensagem para Gin, avisando que vou me atrasar. Não acrescento mais nada. Não sei o que dizer. Sua resposta chega prontamente:

> Voltei. Não se preocupe, meu amor. Jantaremos quando você terminar.

E, pela primeira vez, aquela palavra,*amor*É uma sensação estranha. Como se algo tivesse se quebrado de repente. Como se eu o tivesse desrespeitado guardando um segredo que nem eu mesma conhecia. Mas o que mais me surpreende é outra coisa: não estou sozinha. Há uma parte de mim, uma parte que permanecerá no mundo mesmo depois que eu partir. E isso me conforta de uma forma inexplicável. Meu filho. Massimo. Quer eu o ame ou não, ele existe, e de uma forma completamente inexplicável, eu sorrio, sinto uma conexão com esse estranho. Lembro-me de suas primeiras palavras, seus cabelos escuros, seus olhos, seu sorriso: "Posso te chamar de madrasta também?"

Lamento não ter conseguido falar mais com ele, conversar um pouco, ter todas aquelas perguntas prontas na minha cabeça. Cumprimento a recepcionista e entro no vestiário. Quem sabe um dia meu filho também vá à academia, e eu nem saiba. A música está alta no amplo salão; apesar do vidro grosso, consigo ouvi-la. Lá dentro, só há mulheres, ágeis, fluidas, musculosas; em um poste, elas executam movimentos acrobáticos, alguns bem difíceis, agarrando umas às outras, girando, tentando se erguer vertical ou horizontalmente. Uma mulher de pele escura e cabelos loiros claros faz a bandeira, revelando a barriga, onde se destacam os músculos abdominais perfeitamente definidos. Ela parece confortável nessa posição. Não consigo imaginá-la nas outras... Estou falando de pole dance, claro. E, como se tivesse me ouvido, a mulher faz outro movimento e fica suspensa no ar, apoiada apenas pela força das pernas. Então, ela toca o chão e abre os braços, um gesto para enfatizar que sua apresentação terminou. Os outros aplaudem, e ela, divertida, faz uma reverência. Ela deve ser a professora dessa nova disciplina. Uma jovem de calças legging azul-escuras e camiseta comprida se prepara para ocupar seu lugar. Mas, em sua tentativa desesperada de fazer algo que ao menos se assemelhe ao exercício, ela se parece mais com uma daquelas salsichas estranhas que se vê penduradas em árvores artificiais em feiras de aldeia, que algum engraçadinho de olhos vendados tem que puxar. Bem, a garota fica de pé por um instante, enquanto a professora grita algumas instruções para ela.
Então ela se aproxima e continua gritando com as mãos juntas na frente da boca. Duas

coisas podem acontecer: ou ela é surda ou é uma verdadeira idiota.

Deixo minha toalha na beirada de um banco e me deito bem na hora de ver a garota se levantar, balançando a cabeça em sinal de insatisfação. Decido não pensar mais nisso e começo a colocar os pesos; quero fazer alguns exercícios para o peito. Deito no banco e começo devagar, levantando vinte quilos para aquecer. Sim, parece que voltei aos bons tempos, quando eu ia ao Budokan, a academia onde comecei a treinar depois que o Poppy me deu uma surra, um cara gordo que me deu uma surra perto do Café Fleming. O Poppy me deixou bem machucado, e eu pensei em me vingar. Mas sem músculos, eu não ia chegar a lugar nenhum. Lucone, Pollo, Hook, Bunny, o Siciliano — conheci todos eles no Budokan. Onde comecei a ganhar massa, onde o café da manhã consistia em ovos e esteroides anabolizantes, do Deca-Durabolin aos incríveis esteroides usados em vacas e cavalos de corrida. Mas talvez eles fossem apenas lendas. E, no entanto, alguns deles mudaram de voz, ficaram mais graves, quase cavernosas, e barbas apareceram onde, não muito tempo atrás, não havia um único fio de cabelo. E corria o boato de que os esteroides anabolizantes, se usados em excesso, matavam o desejo sexual. Lembro-me do siciliano tomando uma boa quantidade, e ele dizia: "Melhor... Assim eu me acalmo um pouco, porque quando é demais, elas reclamam!" E ele ria com sua risada rouca, feita de cigarros e cerveja, e se esforçava ao máximo, levantando pesos maiores do que qualquer um: 140, 160, 180, 200... Ele chegava a levantar 240, gritando tão alto que as meninas que faziam ginástica lá em cima se assustavam. E o siciliano continuava se entupindo de nandrolona, apesar dos perigos e dos efeitos colaterais indesejados, como o fato de dizerem que fazia tudo ficar maior — só que, na verdade, fazia até diminuir. Eu frequentemente via desenhos animados que enfatizavam o tamanho enorme dos meus músculos e o tamanho pequeno do resto do meu corpo, e mesmo no Budokan, debaixo do chuveiro, eu notava essa estranha contradição, mas atribuía isso a uma peculiaridade da natureza. Eu nunca tomava nada. Embora comesse muito — muitos ovos de manhã, fígado, levedura de cerveja, que eu mastigava com prazer —, Pollo me olhava perplexo porque achava aquilo repugnante. Eu ia à academia todos os dias, com disciplina, com força de vontade, com fúria. Cada treino significava ir mais longe, manter o peso, controlá-lo, aumentá-lo e continuar unicamente com a força da minha mente, da minha força de vontade, até sentir meus músculos gritando de dor, minha carne quase implorando por misericórdia sob o peso.

Levanto-me do banco e coloco cinquenta anilhas de um lado e cinquenta do outro. Depois, volto para debaixo da barra e faço cinco, seis, rapidamente. Agora sinto o peso, e as últimas são um pouco difíceis, mas consigo terminá-las. Descanso. Recupero o fôlego. Fecho os olhos, levanto a barra novamente e faço mais dez. Desta vez é difícil desde o início. Mas não porque as anilhas sejam pesadas. Minha raiva começa a crescer

novamente. O riso de Babi e aquele pacote, um presente lindo e cruel, que ela primeiro coloca na minha frente, depois tira da minha vista e finalmente me deixa abrir. E vejo a camisa listrada azul-marinho e azul-claro, idêntica à que o menino usava, a do meu filho. E a raiva se intensifica: ela havia falado com Giuliana; elas haviam decidido tudo pelas minhas costas. Não, ela havia decidido, sempre ela, Babi, entrando e saindo da minha vida; e quase jogo a barra no chão. Ela parece leve, sem peso, por causa de toda a raiva que sinto. E sobe, cada vez mais alto, acima dos suportes, e então cai sobre os suportes, quicando e oscilando para a direita e para a esquerda, até...
Ela estava prestes a cair no chão, mas eu a impedi com as minhas mãos.

—Ei, você é o Step!

Eu me levanto e tento ver quem está falando comigo. Tem um menino na minha frente.

"Stefano Mancini, não é você? Você era uma lenda para nós. Minha namorada recortou a foto sua na moto com aquela garota agarrada em você, e ela sempre me dizia: 'Você tem que ser rebelde como ele, não tão preguiçoso.' Droga, você arruinou minha adolescência. Aliás, a gente terminou, e eu nem cheguei a transar com ela!" Ele ri com um amigo ao lado. O amigo é magro, esguio, mas bem proporcionado, com cabelos longos, grossos e cacheados e olhos escuros. Ele se pareceria com Renga, o cantor, se não fossem os dentes um pouco tortos.

O amigo dele lhe dá um high five como se ele tivesse dito algo incrivelmente engraçado. "Meu nome é Diego; venho à academia de vez em quando, mas nunca te vi antes."

—Estou no Circolo, mas normalmente não venho aqui para treinar, geralmente jogo padel.

—Ah, o jogo dos viadinhos!

E o amigo dele começa a rir como um louco.

—Não acredito, você é incrível, absolutamente incrível...! Estou morrendo de rir com você!

E então ele lhe dá um tapinha nas costas.

—Ah, droga! Você está me machucando! Bem, você é um estorvo, um verdadeiro estorvo! De fato, seu amigo é gordo, redundante, é como um barril, e sua carne está transbordando.

—Ele se daria bem jogando padel. Apesar do que você possa pensar, faz bem para ele, sabia? Ajuda a entrar em forma e a perder peso.

Então pego a toalha do banco, levanto-me, coloco-a sobre os ombros e saio andando.

—Ei, Step, que tal trocarmos uns socos?

Me viro e vejo Diego com os punhos cerrados na frente do rosto, pulando de um lado para o outro. Ele pisca para mim, tentando ser amigável, mas não funciona. "Vamos lá, tem um anel ali..." Ele aponta com o queixo, inclina a cabeça para o ombro como quem diz: "Vamos, não seja tímida", e pisca de novo. É demais. Talvez ele tenha um tique.

-Não, obrigado.

"Vamos lá, quero saber se minha namorada estava certa. Se eu sou preguiçoso." E o cara do lado dele começa a rir, quase se desmanchando em gargalhadas. "Ou você está com medo?"

E acho que esse tempo passou, que não tenho mais interesse em lutar, em provar que sou o mais forte, e então penso que me tornei pai, sim, tenho um filho, e preciso ser responsável. E deveria levar tudo isso em consideração, mas, em vez disso, de repente me dá vontade de sorrir e simplesmente digo:

—Não, eu não tenho medo.

DEZENOVE

Nos preparamos sem dizer uma palavra, colocando luvas que encontramos em uma caixa próxima. Havia capacetes também, mas ele não colocou um, então descartei essa possibilidade. Ele tirou o moletom e depois a camiseta. Era grande, bem definido, com braços longos e pernas curtas. Começou a pular de um lado para o outro, leve naquelas pernas fortes, sem o peso da parte superior do corpo, por isso se movia com tanta agilidade. Seu amigo arrastou uma cadeira até a beira do ringue, tirou um chiclete e o desembrulhou. Era da marca Brooklyn. Ele dobrou e colocou na boca, deixando a embalagem cair no chão. Era de alcaçuz, o único sabor que eu não gosto.

"Você pode cronometrar?", pergunta Diego. "Três minutos está bom?", ele me pergunta em seguida.

-Sim.

—Nós fazemos isso?*contato*o *kickboxing*?

-O que você quiser.

Então Diego sorri.

—*Kickboxing*—diz ele, e então grita para o amigo—: Daqui a três minutos!

E, imaginando um hipotético gongo, ele bate uma luva na outra e vem em minha direção. Seus socos são precisos, todos mirando diretamente no meu rosto e peito, mas consigo bloqueá-los. Ele é rápido, se move bem, sabe respirar e, quando se afasta, consegue até falar.

"Caramba, o nome dela era Eliana, e ela era muito gata, sério, tipo, muito gata mesmo; ela sabia uns truques, mas queria uma história de amor séria. Tipo a do Step! Sabe o que eu quero dizer? Caramba, ela era apaixonada por você, e nem te conhecia! Você podia ter dormido com ela..." ele diz, e talvez estale os dedos dentro das luvas. "Eu, por outro lado, não ganhei nada!"

O amigo dele cai na gargalhada, e ele também, e enquanto estou distraído, Diego dá um salto circular e me acerta em cheio no ombro. Isso me desequilibra completamente e acabo contra as cordas. Quando me recupero e volto para o ringue, ele me acerta com um chute frontal direto, trazendo a perna até meu peito e depois rapidamente em minha direção como se quisesse me jogar para fora do ringue. Mas sou rápido: abaixo meu braço direito e me esquivo com todo o corpo, evitando o contato com a perna dele e o frustrando, mas ele aproveita a oportunidade e desfere dois ganchos, um de direita e um de esquerda, acertando-me em cheio no rosto. Sinto o golpe; minha visão fica turva. Na verdade, vejo Diego dobrar de tamanho e dar gargalhadas descontroladas.

"Se Eliana te visse agora... Talvez você devesse colocar o capacete!", diz ele, e está prestes a desferir outro ataque com uma série de socos.

No entanto, assim que ele se mexe, aproveito a oportunidade, giro, abro o braço e o acerto em cheio no rosto como se estivesse usando um taco de beisebol. Diego não consegue mais enxergar nada, ofega em busca de ar e cai no chão. Seu amigo diz "Porra!" e fica boquiaberto. Desamarro minhas luvas.

"Bem, se a Eliana estivesse aqui agora, ela teria dito: 'Viu? Eu estava certa, você é preguiçoso.' Mande um abraço para ela por mim", digo, e saio do ringue, pegando minha toalha. O amigo do Diego tenta reanimá-lo, dá uns tapas nele, chama por ele e, depois de atormentá-lo, vejo no espelho que o Diego o empurra com as mãos, mas permanece de cabeça baixa, tentando recuperar as forças.

Passo pelas meninas. A de antes está de volta à barra, desta vez com as mãos posicionadas corretamente; não parece mais uma salsicha. Ela alcançou seu pequeno feito, e o instrutor acena com aprovação. Com uma cambalhota ágil, ela desce, satisfeita. Gosto de celebrar o sucesso dos outros e, com esse pensamento, sigo para o vestiário. Preciso melhorar minha capacidade pulmonar. Preciso voltar a correr. Preciso vir à academia com mais frequência. Estou fora de forma. Step também não está. Quem sabe como terminaria a competição de flexões entre as Budokani agora? Dou uma risadinha. Pareço uma nostálgica entediada dos velhos tempos. Bem, talvez eu ainda consiga vencer a siciliana; é daquelas que me dão trabalho. Chega um ponto em que o corpo não aguenta mais — muitas reuniões, muitas conversas sentada no escritório — a indolência se transforma em preguiça. Abro o armário onde deixei minhas roupas e

vejo meu celular acender.

Contexto.

—Amor, mas onde você está?

—Na academia.

—Nossa! Pensei que você estivesse em uma reunião.

—Não, eu precisava desabafar.

—Por quê? Aconteceu alguma coisa errada no trabalho?

Eu não deveria ter contado para ele.

—Ei, você está aí?

—Não, não, está tudo bem.

"É, é, com essa voz... Me conta tudo quando chegar em casa." Ele ri. "Se você quiser, eu vou à academia e a gente pode treinar como da primeira vez que nos conhecemos. Mas dessa vez eu acho que vou te nocautear. Você está completamente fora de forma!" "É verdade. Imagina, eu já estive no ringue."

—E como você tem estado?

—Bem, pelo menos eu consigo atender o telefone.

—Hahaha! Vamos, não demore.

Esta é Gin. Gin e sua alegria. Gin e seu riso. Gin e sua leveza. Gin e sua elegância. Sua maneira de aceitar as coisas simples, o que a torna tão bela. Gin e sua transformação com um pouco de maquiagem e salto alto. Gin sexy. Começo a me despir, calço minhas chinelas, pego a toalha.

Gin, como foi difícil reconquistar seu amor, seu carinho, sua confiança. Eu me arrasto para debaixo d'água.

Tomo um banho e me lembro de tudo que fiz para reconquistá-la.

VINTE

Todas as manhãs, fico em frente ao prédio dela. Chego antes das oito, para que Gin saiba que estou lá. Ela precisa saber que a amo, que cometi um erro e, mesmo que o tempo não seja suficiente para apagá-lo, talvez ela possa ao menos me perdoar. Então, aqui estou eu. Quando Gin não sai e fica em casa, sei que ela está me observando da janela. As pessoas que moram por aqui me olham com curiosidade; elas não me conhecem como Step, mas como "Aquele cara ali". Na outra manhã, uma mãe passou de mãos dadas com o filho. Quando chegaram perto de mim, o menino apontou para mim com a mão livre.

—Mãe, é o homem que está sempre esperando.

A mulher o sacudiu um pouco, puxando-o.

—Calla.

—Mas é ele mesmo, eu o reconheci.

Senti vontade de rir. As pessoas estão falando de mim no bairro. Mario, o dono da banca de jornal, já me cumprimenta calorosamente. Descobri que Alessia, a moça que leva o cachorro para passear todas as manhãs, é advogada. Depois tem o Piero, o florista; o Giacomo, o padeiro; o Antonio, o borracheiro. Todos me cumprimentam, mas nenhum deles teve coragem de perguntar por que estou aqui. E já se passou um mês. Hoje, Alessia perdeu o cachorro; ele fugiu. Estava prestes a atravessar a rua quando um carro se aproximou, mas consegui impedi-lo. Me joguei em cima dele, o abracei forte. É um golden retriever grande, forte e loiro, mas consegui segurá-lo. Alessia vem correndo.

—*Ulisses! Ulisses!*"Já te disse mil vezes!" —E ela prende a guia na coleira—. "Você não pode se afastar! Entendeu?!" —ela grita, erguendo a mão na frente do focinho do cachorro.*Ulisses*Ele olha fixamente para a frente, impassível. "Você entende? Você entende, sim ou não?" Então ele se acalma e se vira para mim: "Ele sempre faz o que quer..."

"Ah, bem, você, colocando isso em prática."*Ulisses*"O que você esperava?" Mas eu não conto a ela; ela ainda está com muito medo para entender que é só uma brincadeira boba. "Obrigada mesmo assim..." ela diz, com um sorriso no rosto. "Meu nome é Alessia."

Eu sei o nome dele porque a mãe dele grita da janela todas as manhãs para ele comprar cigarros para ela.

—Passo—Respondo e aperto a mão dele.

Ele faz uma pausa por um instante e depois dá de ombros.

—Posso te oferecer um café? Claro, adoraria.

Me ve indeciso.

—Ou o que você quiser beber, né?...

—Um café está perfeito.

Atravessamos a rua para entrar num bar quando a mãe dela apareceu e, sem nem olhar para ela, gritou em direção à vizinhança:

—Alessia!

—Cigarros—respondemos em uníssono.

—Sim, mãe, tudo bem. —Então ela se vira para mim—: Ele gosta de fumar, sabia?

-Não...

Somos recebidos no bar pelo rosto redondo de Franco.

—Podemos pedir dois cafés? Step, como você gostaria?

—Um cortado longo com leite quente, sem açúcar.

Ele repete e depois acrescenta:

—E da minha parte, como sempre, muito obrigado.

Alessia acaricia*Ulisses*E ele me faz a única pergunta possível:

"Eu te vejo aqui embaixo todos os dias. Isso é uma aposta, ou você precisa de perdão por alguma coisa?" Ele diz isso com a sutileza típica dos advogados. Então acrescenta: "Seja o que for, se você quiser, eu te ajudo; pelo que você fez..."*Ulisses*Tem sido incrível... — E ela o acaricia ainda mais forte no pescoço.

—Você não pode me ajudar, mas agradeço.

É um dia lindo, o céu está limpo, uma imensidão azul, e ficamos à porta do bar.

Alessia está segurando seu café pequeno e eu estou brincando um pouco com ele.*Ulisses*Ele não tem vontade de voltar para casa. No entanto, Alessia está prestes a trancá-lo; ele tem uma audiência no tribunal às onze horas.

Quando estou prestes a me despedir dela, Gin aparece do outro lado da faixa de pedestres, olha em volta, se surpreende por eu não estar lá, e quando me vê, estreita os olhos e não parece muito feliz. Alessia percebe.

"Em vez de te ajudar, acho que compliquei as coisas." E ela diz isso com um leve arrependimento.

-Não se preocupe.

—Sabe, nesses casos, pensar que existe outra pessoa pode melhorar a situação...

Então pegue*Ulisses*Ele puxa a corda, olha para mim, levanta a cabeça e dá de ombros.

"Bem, espero que esteja tudo bem. Fico feliz em ter te conhecido; de um jeito ou de outro, nos veremos de novo. De qualquer forma, que pena..." Ela sorri para mim sem acrescentar mais nada e desaparece rua abaixo em direção à tabacaria.

Não sei o que ela quis dizer. Mas não me interessa particularmente. Só sei que agora também conheço o Franco, o do bar, que faz um café excelente. No dia seguinte, estou de volta lá, no nosso lugar de sempre, quando a Gin sai do prédio. Ela está com a mãe. Então ela me vê e diz alguma coisa. A mãe dela acena com a cabeça. Gin caminha na minha direção com determinação e confiança. Seu andar não é um bom presságio. Ela não ri, fica me encarando, atravessa a rua sem nem olhar para ver se vem algum carro. Ela tem sorte, não vem nenhum; ela anda tão rápido que num instante está na minha frente e me atropela.

A qualquer momento ele pode me dar uma pancada na cabeça. Depois, com o rosto colado ao meu, vai me mostrar toda a sua raiva.

—E aí? Você também dormiu com ela?

Não consigo evitar um sorriso bobo, mas a verdade é que eu realmente não sei o

que diabos fazer.

—Para quem? —E, ao dizer isso, percebo que deveria ter conduzido a discussão para um rumo completamente diferente.

—Quem? Ela. Obviamente, não a outra! Ela, Alessia, a advogada. Conheço-a desde pequena. Ela mora no segundo andar do prédio ao lado do meu. Namora um médico há três anos, mas está traindo-o com um cara mais novo, um idiota chamado Fábio, um dos seus.

Fecho os olhos e decido experimentar:

-Me perdoe.

—Perdoe-me pela primeira vez que você dormiu ou pela vez que você dormiu ontem? Não, explique-se. Assim saberei quais desculpas levar em consideração.

Vejo que ela está magoada, com raiva, como nunca antes. Seu rosto está abatido, marcado, quase mais anguloso. E tudo isso é culpa minha.

—Perdoe-me, Gin...

Mas ele não me deixa falar.

"Você podia ter pensado nisso antes. Não sabia que eu ficaria chateada? O que você imaginava? Que eu aceitaria sua traição como se nada tivesse acontecido? Você sabia há quanto tempo eu estava esperando por você, não sabia?" Lágrimas brotaram em seus olhos, acumulando-se como uma enorme represa prestes a romper.

—Sério... Eu não sei o que aconteceu comigo, juro, queria poder voltar atrás e não ter feito o que fiz.

"Você não consegue resistir a ela, essa é a verdade. A mesma coisa vai acontecer toda vez que você a encontrar..." Percebo uma resignação amarga em suas palavras.

"Não. Você está enganada, Gin. Era apenas o desejo de provar que ela ainda era minha. E, no entanto, tudo acabou, e eu percebi..."

—Enquanto você estava fazendo sexo com ela?

Gin nunca tinha falado comigo assim antes; a raiva a transforma, a torna mais cruel do que jamais foi.

"O que tínhamos poderia ter sido um lindo amor, mas você escolheu não me amar; eu não era suficiente para você. Você arruinou tudo. Agora, de qualquer forma, será imperfeito."

E ela vai embora antes de desabar em lágrimas. Ela alcança a mãe e elas começam a caminhar em silêncio, sem dizer uma palavra. A mãe só precisa olhar para ela por um instante para entender que nenhuma palavra poderia consolá-la. Então ela se vira e olha para mim. Seu rosto tem a mesma expressão daquela manhã, quando ela me deixou entrar com um buquê de rosas. Minha primeira tentativa de fazer Gin me perdoar. Deixei as flores sobre a mesa em seu quarto e lá encontrei seus diários. A verdade de

Gin, seu sonho, escondido de todos. E esse sonho era eu. Ela me amava há muito tempo, sabia da minha história com Babi, sabia muitas coisas sobre mim, inclusive que ela tinha estado nos Estados Unidos porque conseguiu se tornar amiga da minha mãe. Sim, até mesmo da minha mãe. Então, nosso primeiro encontro, no drive-thru do posto de gasolina, à noite, quando ela roubou o
Gasolina. Pensei que tudo tivesse acontecido por acaso, mas, na verdade, ela havia planejado cada detalhe. Gin e sua paciência feminina. Gin e o amor absoluto. Gin e seu grande sonho... E eu destruí tudo em uma noite. Lancei um último olhar para a mãe dela. Ela me observa sem reprovação, sem julgamento; talvez queira entender o incompreensível, compreender a dor da filha, que parece imensa, tão grande que ela não tem coragem de perguntar... Mas se ela me viu e viu o que gritou comigo, bem na minha cara, sabe que tem a ver com uma decepção, que a culpa é minha, um erro. Mas será tão grande a ponto de ser imperdoável? Não significa, talvez, desistir da possibilidade de ser feliz? E justamente nesse olhar que me acompanha, parece que vislumbro esses reflexos. E então algo me faz pensar que talvez ela seja a última carta que me resta.

VINTE E UM

No dia seguinte.

São quase 10h30 quando Gin sai de casa e eu saio do meu esconderijo, uma árvore atrás da qual eu havia ficado para que ela não me visse. Não encontrei Franco, nem Alessia, nem ninguém. Gin está usando óculos escuros Ray-Ban, uma jaqueta preta e o cabelo preso em um rabo de cavalo. Ela geralmente não usa óculos escuros, e o sol não está forte hoje, mas talvez seja a única maneira de esconder as marcas da noite em que passou me xingando, quem sabe. O jeito como ela chora é único. Acho que nunca vi ninguém chorar assim, silenciosamente, lágrimas caindo uma após a outra sem nenhuma intenção de parar. É imparável, como se ela estivesse realmente se libertando de toda a dor que sente. Até agora, o motivo de suas lágrimas não era eu, mas Francesco, seu...*lugar*"Francesco", como ela o chamava, justificando todo o meu ciúme inútil com esse apelido. Francesco tinha sido seu primeiro e único namorado, o maior idiota de todos, e por isso ela ainda se lembrava dele. Ele transformou a beleza daquele primeiro amor no pior erro da vida dela. Naquela noite, eles se despediram às pressas, e ela voltou para casa para continuar estudando. Mas algo a incomodava, então ela tentou ligar para ele, mas o telefone tocou sem que ele atendesse. Ela foi procurá-lo no Gilda, o bar onde ele poderia ter ido. Quando Gin me contou isso, ela começou a soluçar, de

raiva, garantiu-me, "porque ele era um verdadeiro canalha", acrescentou, "ele traiu a minha confiança". Um sexto sentido a levou até a casa de Simona, uma amiga dela, de quem Ele não gostava nem um pouco, já que ela sempre dizia: "Você é muito burra por confiar nela". Então, às quatro e quarenta e cinco da manhã, a porta da frente da casa de Simona se abriu e Francesco apareceu, com a aparência do pior cara do mundo. Gin sentiu uma dor lancinante atravessá-la e, um instante depois, decidiu que a única maneira de se vingar era punindo aquele que não havia respeitado as regras do amor. Ela estava em seu carro, soltou a embreagem e acelerou em direção à Mercedes 200 SLK de Francesco. Um impacto incrível que o atingiu em cheio; na lateral e na porta. Gin também é isso: amor e raiva, orgulho e lágrimas. No fundo, acho que a cicatriz da lembrança de Francesco ainda doía, e foi por isso que ela começou a chorar silenciosamente e me disse: "Nunca mais faça nada parecido comigo, eu não suportaria". Beijei seu rosto ainda molhado e fomos para Monti. Era a inauguração da loja de uma amiga, e ela se distraiu um pouco entre bolsas de neoprene, cintos coloridos e brincos com placas de trânsito, outros com bolas, ou com longos pingentes em todas as cores possíveis. Ela parou em frente a um par de
Ela experimentou brincos de papel com desenhos de inspiração oriental e seu rosto se iluminou, mas no fim, decidiu não comprá-los. Que pena, ela estava deslumbrante com aqueles brincos compridos. Mais tarde, encontrou uma amiga e se cumprimentaram com um beijo caloroso. O nome dela era Gabriella; elas eram da mesma turma, mas ela era a melhor aluna, me contou, rindo. Continuaram conversando, rindo e brincando sobre o que tinha acontecido com alguns amigos em comum, como eles tinham mudado, o que estavam fazendo, e ambas ficaram surpresas ao saber que uma certa Pasqualina finalmente tinha ficado noiva. Ela a observava de longe e falava sem parar, parecia que nunca ia parar; de vez em quando, gesticulava com as mãos. Ela finalmente tinha se livrado da tristeza que a dominava. Gin ouvia a amiga, divertida, e finalmente soltou uma bela gargalhada. Pronto; a tristeza tinha ido embora de vez. Um pouco como acontece com as crianças, que passam do choro ao riso sem nem perceber. Ele olhou para mim de longe, depois sorriu e piscou algumas vezes, como quem diz "Está tudo bem, estou melhor, obrigado"; pelo menos, foi o que me pareceu entender.

Quando chegamos à casa dele, já era noite. Ele desceu da moto e me abraçou forte. Ficou me abraçando por um longo tempo e sussurrou no meu ouvido:

—Obrigado, você foi muito gentil.

E nós ficamos nos encarando. Então ela balançou a cabeça. "Você não tem ideia do quanto eu te amo, Step."

Mas ela não me deu chance de responder. Saiu correndo e entrou no prédio sem nem se virar, como se tivesse vergonha do que tinha dito. É verdade. Talvez ela não

soubesse mesmo. Ela tem o jeito dela de amar. Quando cheguei em casa, meu telefone tocou.

"Querida!" exclamou ela, com um entusiasmo contagiante. "Você não precisava fazer isso!" "O quê?"

—Idiota! Eles eram muito caros!

—Acho que você está enganado; eu gostaria de saber, mas infelizmente deve ser um detalhe de algum outro admirador seu.

Ela riu como uma louca.

—Talvez você não tenha percebido, mas você era o único admirador em potencial naquela loja! Todos os outros eram mulheres ou gays!

Eu também ri; não tinha percebido. Estive olhando apenas para ela o tempo todo, na esperança de que ela conseguisse dissipar aquela dor.

—Eu adorei, queria comprá-los, mas eram muito caros.

E então chegou uma foto. Era ela usando os brincos que eu havia colocado no bolso do casaco dela. Ela havia escrito:

> Você gosta deles? Eu gosto muito, quase tanto quanto você! E não por causa dessas surpresas traiçoeiras.

Então eu a ouvi rindo novamente ao telefone.

Você entendeu? Talvez eu te mande uma foto sexy, meio nua, como recompensa mais tarde. Você estava absolutamente perfeita hoje.

E ela desligou. Bom, fiquei feliz. Ela estava se sentindo melhor. Então decidi ir para a cozinha tomar uma cerveja, relaxar um pouco, talvez passar algum tempo no computador ou assistir a um filme, quando de repente meu telefone tocou. Era uma mensagem, um

Uma foto. E eu fiquei surpresa. Sua modéstia. Sua timidez. Sua inocência. Ela estava na penumbra, mas nua, usando apenas seus brincos brilhantes. Abaixo da foto, ela havia escrito:

> Só para você, para sempre.

Eu me senti atraído por ela, então decidi responder:

> Eu queria poder estar aí. Para tirar até seus brincos e poder te amar agora mesmo.

Ele imediatamente me enviou um coração.

Bem, essa é a Gin. Naquela noite, ela só superou a dor quando se sentiu amada. Mas hoje, como posso ajudá-la a superar isso? Desta vez, a culpa é minha; preciso fazê-la acreditar em mim novamente.

Então bato na porta e preparo algo para dizer. Tudo o que consigo pensar é: "Você tem que me ajudar". Talvez fosse melhor dizer: "Gin é maravilhoso e eu sou um idiota" — seria a pura verdade —, mas acho que ela bateria a porta na minha cara e não ia querer ouvir mais nada. Permaneço em silêncio, com o rosto pressionado contra a porta fechada, e penso em outras frases possíveis. Mas nada me vem à mente. Há momentos na vida que parecem intermináveis. Este é um deles. Então ouço passos se aproximando, que finalmente param atrás da porta.

-Quem é?

—Stefano Mancini.

-Quem?

Nossa! Pior ainda. Ela nem sabe quem eu sou. Aí a porta se abre e aparece a mulher que costuma sair com a Gin: a mãe dela.

—Bom dia, senhora, sou amiga da sua filha...

—Eu sei quem você é.

Permaneço em silêncio. Sinto que estou morrendo. Droga, já dei socos em caras com o dobro do meu tamanho e não senti nada, mas sob o olhar dessa mulher, estou mole como gelatina.

—Você é a madrasta, não é? Minha filha me falou de você.

—Sim, sou eu. E o que Gin disse para você?

"Não abra." Então ele sorri para mim. "Mas eu já abri..."

VINTE E DOIS

Naquela manhã, Gin saiu e não o viu. Por um lado, ficou aliviada, mas no fundo, estava triste. Não imaginava que ele se cansaria dela tão rápido, mas se as coisas eram assim, era para o melhor. Sua avó Clelia sempre lhe dizia: "Você tem que fazer os homens esperarem até que eles realmente não possam mais esperar, e você também. Isso mesmo, quem persevera e permanece é o perfeito." Step não era perfeito. Que pena, ela até gostava de suas imperfeições.

Na universidade, ocupada com as aulas de direito, ela não pensa muito nisso. Manda uma mensagem para casa, avisando a mãe que chegará por volta das seis, e na hora do almoço come um sanduíche de salmão e toma um suco de maçã, laranja e cenoura. A mãe lê a mensagem e sorri. "Quem sabe o que minha filha vai dizer sobre tudo isso. Eu já sei, ela vai me acusar de ser uma traidora, mas no fundo vai achar que fiz a coisa certa. Pelo menos, é o que eu espero." E, dizendo isso, pega o envelope e o coloca na cozinha para quando chegar a hora de entregá-lo à filha. Por volta das seis,

ouve a porta se abrir.

—Mãe, você está aí? Sou eu...

O coração de Francesca começa a palpitar. Ela tem medo de que sua filha a descubra, que a emoção em seu rosto a traia. Sua filha é particularmente sensível.

—Nossa, você está aqui! O que você está fazendo?

O gim está à porta da cozinha.

"O que você acha?" Francesca mostra a ele o ferro de passar em sua mão e uma das camisas de seu pai, que está ao lado, sobre a tábua de passar.

—Deixe-me adivinhar... Hum... —Então ele sorri, fingindo adivinhar—. Eu sei! Você está tentando queimar uma das camisas do papai!

—Exatamente! E se eu conseguir, você vai ter que aguentar, do jeito exigente que você é. —A propósito, onde fica?

—Jogando futsal com os amigos.

—Ele está em ótima forma, não há como negar...

Gin vai para o seu quarto e, por um instante, pensa no pai se exercitando e na mãe passando suas camisas, tentando deixá-lo sempre bonito, elegante, adequado para cada situação, perfeito. Isso mesmo, perfeito. Quem sabe quanto tempo ela o fez esperar, seguindo as regras da vovó Clelia. Gin ri. Quem sabe se ainda existe paixão entre eles e o que acontece no quarto — uma vez por semana? Uma vez por mês? Uma vez por ano?... Gin se lembra de Step novamente, de como eles costumavam viver, dos dias que passavam nas Maldivas, quase nus, na água quente, na praia, no
Um bangalô, sem horários, sem restrições de tempo, sem compromissos. Sexo, amor — não havia um momento sequer em que não estivessem se tocando. Step era como um ímã para ela; ela o sentia, ele a atraía. Bastava que ele roçasse sua perna, suas costas ou apenas um braço para que ela se incendiasse. Nunca havia acontecido com nenhum outro homem; bem, não que ela tivesse tido muitos. E havia o cheiro, o perfume de Step, que ela lambia e beijava por todo o corpo quando o abraçava. Um afrodisíaco natural. Era uma questão de química. Além disso, Gin havia se dado ao trabalho de pesquisar: tratava-se de feromônios, uma substância odorífera produzida pelos humanos que nos leva diretamente ao parceiro certo. E pensar que alguém a havia acusado de ser fria, outros de gélida... Não, a verdade era que ela nunca havia se apaixonado, e o amor às vezes pode superar o que ninguém mais jamais conseguiu. Gin riu para si mesma. Longe de ser fria, ela achava que tinha se tornado uma espécie de ninfomaníaca com Step; ficou assustada e surpresa ao se ver daquela forma. Como naquela noite no bangalô quando, sob as estrelas, ela lhe disse:

—Pare, pare, por favor.

Ela tremia por causa do que sentira e do que desfrutara. Step sorriu; pensou que ela

estivesse brincando com ele.

—Você não entende, eu estava na Omega. Eu sou*lelada* por completo! —¡*Lelada* Não existe! De qualquer forma, será.*todos os tipos*!

—Sim, mas se eu estiver dizendo corretamente, significa que não sou!

E eles continuaram rindo e depois bebendo cerveja gelada, olhando para as estrelas, e Gin se perdeu em seu abraço, em seus olhos e em cada um de seus beijos, que lhe pareciam únicos e especiais.

Você é minha?

—Só seu.

Na noite seguinte, fizeram amor com mais ternura; ela o sentiu se mover dentro dela, primeiro lentamente, depois com mais força, com paixão, e Gin mordeu seu pescoço e a puxou para perto, quase gritando.

"Cala a boca!" ele sussurrou, rindo. "Tem vizinhos."

—Eles também ficarão felizes se me ouvirem gritar assim!

Eles adormeceram, perdidos no sabor daquele amor, ainda quentes do sexo, com as bocas abertas, uma dentro da outra, vivendo a mesma respiração, sem nunca se separarem.

Gin parece despertar daquela lembrança, e lágrimas brotam em seus olhos. "Não foi o suficiente? Você queria mais? Não foi a coisa mais linda que poderíamos ter vivido? Você precisava estar com ela de novo? E, no entanto, você já a conhecia; ela nem foi uma conquista. Por quê?" Ela vem se fazendo a mesma pergunta há meses, e há meses não encontra a resposta. E não transa desde então. Talvez nunca mais transa! Meu Deus, ela nem quer pensar nisso.

—Mãe! —Ela vai até a cozinha e, enquanto caminha, lembrando-se dos pensamentos que teve sobre ela e seu pai, sente vontade de rir.

Francesca terminou de passar a roupa; ela afasta uma mecha de cabelo que caiu sobre seu rosto.

—Sim, querida, conte-me.

Gin aparece à porta vestindo um fato de treino.

—Vou correr. Preciso espairecer. Chego em casa em cerca de uma hora. Francesca acena com a cabeça; ela adoraria contar tudo, sim, bem, o plano, o que elas combinaram, mas não pode.

—Claro, querida. Até mais tarde.

Então, ela a vê partir e fica paralisada diante daquela porta fechada, encarando a tristeza de Gin, que, embora invisível, é palpável. E tudo é culpa daquele garoto, do Step. Francesca balança a cabeça. Vamos ver como Gin reage. "Não sei, não sei." Mas

ela já se decidiu; não gosta de ter que aceitar as coisas passivamente. Francesca acredita que agir é sempre melhor do que não fazer nada, deixando o tempo curar as feridas. Mas e se nem o tempo for suficiente? Ela começa a guardar as roupas passadas. Então, permite-se um pequeno sorriso. Não, ela está convencida de que fez a coisa certa.

Gin chega ao lago Tor di Quinto em seu Micra, estaciona e, assim que sai do carro, coloca os fones de ouvido, seleciona sua playlist no Spotify e começa a correr. A primeira música a tocar é*Up&Up*, do Coldplay.[5]"Bem", diz para si mesma, "preciso começar a pensar em uma nova vida. Step parou de me procurar, conheceu Alessia ou outra pessoa, percebeu que não valia a pena, que seria mais fácil assim." E esse pensamento a machuca; ela gostaria de tê-lo do lado de fora da sua porta por muito, muito tempo, e finalmente perdoá-lo. "É possível perdoar por amor? E eu, seria capaz de perdoar? Eu ainda não pensaria que, naqueles momentos, ele não era meu? A boca dele, a língua dele, o hálito dele, o abraço dele, a cabeça dele, o coração dele, o… Não. Não quero pensar nisso, droga! Pronto, precisava dizer!" E ela ri, acelerando um pouco o passo. "Certo, vamos começar a imaginar uma nova vida, sim, uma nova vida com outra pessoa. Vamos começar com as pessoas que tentaram me conquistar recentemente: uma, Giovanni, bonito, mas um pouco burro demais. Ele estuda medicina, mas só pensa em mim, mim, mim." "Eu sei fazer isso, eu sei fazer aquilo. E eu…" Como ele será na cama? Ai, meu Deus, de jeito nenhum. Nem consigo imaginá-lo me tocando. Dois deles, Alessandro. Alto, magro, um rosto bonito, interessante. Mas inseguro demais. Eu teria que tomar a iniciativa e, para ser sincera, não estou com vontade. Ele me diz que sou bonita com muita frequência, como se fosse uma limitação em vez de uma simples vantagem. Ele está se reprimindo. Seria um tormento constante, uma tortura constante. O completo oposto daquele idiota, daquele arrogante do Step! Que se dane ele! — Ela diz isso quase com raiva, sabendo o quão perfeito ele era apesar de ser completamente imperfeito e o quão bom ele era para ela —. Ok. Chega. Acabou. De jeito nenhum. Saia da minha vida, Step, para sempre. Definitivamente. Tenho que atravessar a porta sem nenhuma curiosidade, sem expectativas, sem pensar que possa estar lá fora, e se estiver, seguir em frente, deixá-la para trás, naquela vida que não me pertencerá mais, que carrega consigo tanta dor. — E ela continua correndo, concentrada, controlando a respiração, mantendo o ritmo, auxiliada pelas notas de*Vir*, por Jain.[6]Então ele tem uma epifania... Sim, tem a Nicola também. Ele é o único que me faz rir e me proporciona momentos divertidos e despreocupados na universidade. Ele até me acompanhou até em casa uma vez. Se o

Step tivesse nos visto...! Ele teria sido...

Bem, ele teria merecido. Embora talvez não fosse justo com a Nicola. Sempre atencioso, gentil, nunca uma palavra fora de lugar, nem mesmo um indício de algo inapropriado. Ele sabe como me acompanhar. Percebeu que não é o momento certo, que por enquanto é bom nos conhecermos melhor, nos divertirmos, rirmos. Ele já me convidou para jantar mais de uma vez, mas eu recusei. Se ele me convidar de novo, está decidido, eu aceito.

Então Gin acelera o passo. Ela começa a correr com vigor renovado; é a última volta antes de ir para casa jantar com os pais. Mal sabe ela que as coisas estão prestes a tomar um rumo completamente diferente.

VINTE E TRÊS

—Mãe, voltei!

Gin fecha a porta atrás de si e percebe um silêncio estranho.

—Mãe, você está aí?

E então Francesca aparece, aparentemente tendo encontrado a tranquilidade necessária.

—Sim, claro que sou...

—O que você estava fazendo?

Gin levanta uma sobrancelha com um ar ligeiramente desconfiado.

—Eu estava cozinhando, por quê?

—Hum... É verdade, está com um cheiro delicioso. O que você preparou para hoje à noite? —Estou fazendo uma sopa cremosa de cogumelos para o papai...

"Como assim? E não para mim? Você não está explicando tudo." "Do que você está falando?!" Francesca cai na gargalhada. "Claro que tem algo para você também! Mas não sei se você já fez planos ou algo assim..."

Gin está sem palavras. Seu coração começa a acelerar. Ela sente falta de ar e, por um instante, sua cabeça gira. "Quem? O quê? Ele não poderia estar aqui. Não de novo. Não agora. Não com a minha mãe." Gin encara a mãe, mas ela permanece calma, sorri para ela, balança a cabeça como quem diz: "O que foi, minha pequena?" E então ela profere uma frase simples:

—Eleonora deixou um envelope no seu quarto, talvez uns bilhetes, não sei, ainda não abri.

—Claro! Era tudo o que eu precisava!

Gin voltou a ser "durona", autoconfiante, e se dirige rapidamente para o seu quarto. Francesca suspira aliviada; o pior já passou. "Graças a Deus, achei que não ia sair dessa."

Sobre a mesa há um envelope lacrado. Gin o abre e encontra um bilhete com a caligrafia inconfundível de Ele.

Ei, como você está, meu amor? Faz tanto tempo que não nos vemos! Você quer vir ao restaurante Mirabelle, na Via di Porta Pinciana, 14, hoje à noite? Vamos jantar juntos! Preciso te contar uma coisa importante. É super, super importante, e não posso te contar por telefone! Não faça essa de difícil de sempre e venha, tá bom?! Reservei uma mesa para dois às nove horas, em nome de Fiori, só para nós dois! Vamos, estarei esperando!

Gin reescreve o bilhete duas vezes. Já são 8h20. "Droga, ainda preciso tomar banho e não sei se vou estar pronta às 9h. Bom, vou ligar para ela." Gin pega o telefone, disca o número, mas cai direto na caixa postal. Ah, como sempre, Ele é um saco. "Que droga, vou ter que fazer tudo correndo!"

"Mamãe!" ela grita do quarto enquanto se despe rapidamente. "Sim, querida?"

—Nada, vou jantar fora hoje à noite!

"Não me diga", pensa Francesca, "sério?" e faz uma careta. "Tudo bem, querida, não fique acordada até muito tarde."

-Não, não.

E, num instante, Gin pula debaixo do chuveiro.

VINTE E QUATRO

Ao estacionar no estacionamento Ludovisi, seu celular vibra. Ela recebeu uma mensagem. Olha a hora: são nove horas. "Será que a Ele finalmente começou a ser pontual? Ela nunca foi pontual na vida. E hoje espera que eu seja! É uma loucura..." E nesse exato momento, ela percebe como podemos estar enganados. É o Nicola. Que curioso, as coincidências realmente existem. Ela estava pensando nele há pouco tempo.

Oi Gin, tudo bem? Que tal irmos a algum lugar amanhã? É a inauguração de um lugar novo; se não, podemos ir ao restaurante que mencionei. Me avisa. Divirta-se. Boa noite se você for dormir cedo. Embora eu duvide...

Ele não é nenhum padrasto, mas pelo menos é legal. Ele responde imediatamente. Sim, chega de hesitar.

Está tudo bem, obrigada. Fico feliz que vamos nos encontrar. Prefiro o novo local. Enfim, a gente se fala amanhã. Boa noite.

“Sim, um drinque antes do jantar em um bar é muito melhor do que um jantar só para nós dois. O mais surpreendente é que eu tinha planejado ir ao Mirabelle, o restaurante que o Ele escolheu. Bom, aparentemente aquele lugar é muito badalado.” Então Gin atravessa a entrada do hotel e segue as placas. Ela entra no elevador e aperta o botão do sétimo andar. As portas se fecham e ela sobe até a cobertura daquele esplêndido prédio. Quando as portas do elevador se abrem, ela fica boquiaberta. Iluminação suave, flores por toda parte, vitrines transbordando de cristais, vasos de vidro soprado e porcelana antiga, tudo perfeito, impecável. As grandes janelas se abrem para uma vista de tirar o fôlego, que se estende dos prédios humbertianos do Pinciano até a cidade velha e ainda mais além, onde os últimos telhados romanos se confundem com o horizonte. O bar está completamente vazio. Há apenas um garçom, de cerca de cinquenta anos, um pouco calvo, que lhe sorri e, ao lado dele, impecavelmente vestido com o que inevitavelmente é seu uniforme, com chapéu na cabeça e tudo, o chef, um homem com cavanhaque e olhar atento.

"Boa noite, você deve ser Gin", diz o garçom em tom amigável. E Gin não consegue fazer nada além de acenar com a cabeça. "Estávamos esperando por você, por favor, por aqui. Mesa da Fiori, correto?"

Ela acena com a cabeça novamente e os segue em silêncio. O chef a acompanha e lhe entrega uma folha de papel.

“Tomei a liberdade de preparar estes pratos, mas se quiser algo diferente, é só me avisar…” Gin pega o cardápio, impresso em papel levemente granulado, e começa a ler. Ela engole em seco. Não consegue acreditar no que está vendo: “Espaguete com amêijoas e ovas de tainha. Robalo assado no sal com aspargos e batatas roxas. E, para finalizar, sorvete de abacaxi com pistache…” Estes são seus pratos favoritos. Ela só consegue gaguejar:

—Não, não, está muito bom.

O chef ri, mas Gin percebe que algo está errado. "Não é típico da Ele ter ideias assim; se ela nem consegue se lembrar se deve ou não colocar açúcar no café, com certeza não vai elaborar uma lista tão detalhada..."

—Por favor... —O garçom retira a cadeira e a ajeita—. Com sua permissão, voltarei à cozinha.

E os dois se afastam. Gin permanece sentada à mesa com a plaquinha que diz "F"IORINo centro, há um computador com um post-it colado que diz: «P»SEU CORPO,ABRILE».

Gin aproxima o objeto, levanta a tela e a empurra levemente para trás até que esteja à sua frente. No teclado, há outra nota com a mesma impressão: "PULSA AQUIE Gin consegue. As filmagens começam com a bela música de Tiziano Ferro.*Ilhas aos olhos*,[7]que diminui gradualmente de volume assim que Eleonora aparece na tela.

"Bem, antes de mais nada, quero te dizer para não ficar brava: infelizmente, eu tinha um compromisso, mas juro que jantar aqui com você teria sido a coisa mais maravilhosa do mundo, e eu teria adorado de todo o meu coração. Meu Deus, eu também teria adorado jantar com dois caras lindos que estão me chamando a atenção. Ah, não, estou brincando! Infelizmente, ainda estou completamente apaixonada pelo Marcantonio, e foi ele quem me fez fazer tudo isso... Quer dizer, eu não tinha notícias dele há mais de dois meses, e ele me ligou só para isso, sabe?" Então Eleonora olha para a direita da tela e acena com a cabeça. "Sim, sim, tudo bem..." ela diz para alguém fora da tela. Em seguida, ela se vira para a câmera do computador e suspira; aparentemente, alguém deve tê-la proibido de fazer alguma coisa. "Desculpe, mas preciso me despedir agora; divirta-se, ok? E me conte tudo amanhã, certo? Tudo, tudo..."

E ela sorri maliciosamente antes do plano terminar.

Gin encara a tela preta enquanto outra gravação começa. No centro da tela do computador aparece sua mãe, com o olhar perdido em pensamentos.

"Mas eu preciso falar? Quer dizer, já começou? Ah, sim, muito bem, então vou começar." Francesca fica um pouco sem jeito e olha para alguém em vez de para a câmera. Então, fora do enquadramento, alguém explica o que ela deve fazer, e finalmente ela se concentra. "Bem, querida, eu sei que a partir de agora serei a traidora, mas de vez em quando uma mãe precisa assumir a responsabilidade. Então achei melhor intervir nessa questão porque vejo que você passou, e ainda está passando, por momentos muito difíceis. Sabe no que tenho pensado todos esses dias? Bem, vou te contar: que às vezes somos teimosas e que, por orgulho, desistimos da nossa felicidade. Você vê o papai e eu felizes? Sim, não é? Bem, estou te dizendo que também cometemos erros, também cometemos erros."

Tivemos nossas crises; um de nós cometeu um erro, enganou o outro. Imagino que você esteja surpresa agora, ou talvez chateada, mas é melhor que você saiba. Você precisa saber e, acima de tudo, lembre-se de que seus pais são humanos, e ele também, e é normal que ele cometa erros. Ele me pediu — e Francesca aponta para alguém do outro lado da tela — para convencê-la, para fazê-la enxergar a razão, para fazê-la entender que ele a ama. Sim, foi isso que ele me disse! Não, pode ficar tranquila, ele não me contou nada sobre o que aconteceu, mas me fez entender que ele estava errado. Sou sua mãe e não preciso saber de tudo; eu já suspeitava perfeitamente. Seria tolice da

minha parte não perceber o quanto você chorou e que o jovem que fica em frente ao nosso prédio todas as manhãs não é um novo carteiro, mas alguém buscando perdão. É tão difícil perdoar? Talvez. É muito doloroso, eu sei, eu também sofri, mas fico feliz por ter dado outra chance ao seu pai. Porque, caso contrário, você e seu irmão não estariam aqui hoje, e tenho certeza de que minha vida teria sido menos feliz sem vocês. Querida, decida o que prefere, mas eu queria que você soubesse de um episódio das nossas vidas que você não conhecia e que talvez te ajude a tomar uma decisão melhor. Eu te amo. Mãe, a traidora.

Gin encara a tela em silêncio, e em menos de um segundo outro vídeo começa. Desta vez é Step.

“Bem, você achou que eu tinha te abandonado, não é? Não, eu nunca desisto. Convenci o Marcantonio, depois de pedir de mil maneiras indescritíveis, a fazer a Eleonora escrever o bilhete que você encontrou. Forcei-o com uma série de chantagens. Enfim, de alguma forma, todos nós devemos algo a alguém. Exceto a sua mãe. Ela era realmente adorável, só teve muita dificuldade com o enquadramento; você viu, não viu?” Gin cai na gargalhada. “Ela pegou o jeito depois disso. Mas você precisa saber que a tomada que você viu foi pelo menos a vigésima! Resumindo, quase filmamos um longa; está pronto para passar na televisão ou virar uma série. No entanto, eu não contei nada a ela, nem sobre nós, nem sobre o que ela deveria dizer. Ela só me perguntou uma coisa: ‘Padre, você realmente quer fazê-la feliz?’ E eu respondi: ‘Mais do que qualquer coisa no mundo.’ Então sua mãe sorriu e me disse: ‘Certo, então, pegue a câmera, vamos começar a filmar.’” E então ela ficou perplexa: "Mas você vai fazer isso com isso? Com o seu celular? Não sei o que eu tinha imaginado!"

"É isso mesmo", pensa Gin, "Mamãe é exatamente assim, totalmente desatualizada em relação à tecnologia". E continua assistindo ao vídeo.

"Agora, minha querida Gin, há duas coisas. Eu poderia ter envolvido seu irmão, seu pai, seu tio, as pessoas de quem você me falou, ou ter ido à TV no programa da Maria De Filippi. Mas o que eu tenho a lhe dizer seria o mesmo. Você não acha que o padrasto que está fazendo tudo isso por você te ama, se sente culpado e gostaria que você o perdoasse? Tudo bem, se você não quiser me perdoar, apenas me ame como você me amou antes; isso me basta."

O vídeo termina com uma série de fotos tiradas durante o tempo que passaram juntos, enquanto toca a música favorita deles.*Algumas noites*, de Ligabue.[8]Há fotos da audição no Teatro delle Vittorie, do primeiro jantar, de um passeio juntos, de um sorvete numa lanchonete, e depois dos dois rindo porque Step inclinou a casquinha e derrubou o sorvete no balcão. Numa moto, uma foto espontânea em... Retrovisor, uma selfie na Córsega, França, uma na ponte ao pôr do sol, uma em frente

aos cadeados do amor, outra ao amanhecer em um dia desconhecido naquela praia selvagem e deserta nas Maldivas. Então a música de Ligabue se mistura com as palavras de*Orgulho e dignidade*, por Lucio Battisti.*"Sem você, sem mais raízes, tantos dias no meu bolso, todos para aproveitar... as lembranças de todo o tempo que passamos juntos, me sinto como um saco vazio, como algo abandonado..."*"Sem você, agora sem raízes, muitos dias no meu bolso, todos para gastar... as lembranças de todo o tempo que passamos juntos, me sinto como um saco vazio, como um pedaço de lixo abandonado..."[9]

"Sim, é assim que me sinto, Step. Nenhuma música jamais foi tão precisa e adequada; até mesmo a música ressalta de forma tão pungente a dor do vazio de um amor." Lágrimas começam a fluir silenciosamente, uma após a outra, enquanto ela permanece sentada diante da tela escura naquele quarto iluminado, naquela magnífica cobertura com vista para os telhados de Roma. E, no entanto, aquela beleza não consegue preencher a dor. "Não, eu não consigo", pensa Gin. Então, na escuridão da tela do computador, seu reflexo aparece; Step está atrás dela.

—Olá, Gin... Sua dor me devasta. Olho para você agora e sinto ainda mais vergonha. Gostaria de nunca ter feito o que fiz, gostaria de voltar e apagar aquele momento, mas não é possível. Ainda não inventaram algo assim. Só você pode fazer isso, se quiser, com um simples sorriso e deixando toda essa dor para trás. Imploro, faça isso, me dê outra chance. Juro, isso nunca mais vai acontecer...

Step abre os braços e fecha os olhos; espera que o destino se revele, que algo aconteça. Silêncio. Uma coisa é certa: em breve, de um jeito ou de outro, ele tomará sua decisão. Então ouve a cadeira se mover, fecha os olhos com força, respira fundo e espera. E finalmente, seu abraço forte e completo chega. Step abre os olhos. Gin está em seu peito. Ele se afasta um pouco e sorri para ele.

—Eu me pergunto por que te amo tanto, mas não consigo encontrar uma resposta... A única coisa que sei é que você é incrivelmente atraente...

E eles se beijam apaixonadamente. Do fundo do restaurante, atrás da porta de vidro, o garçom e o chef observam a cena.

—Bem —suspira a cozinheira—, o jantar pode começar.

Mas o garçom continua sorrindo e aproveitando o final feliz daquele filme estranho.

"Anda logo, vai até a sala de jantar e pergunta qual vinho eles querem!", repreende o chef, e retorna à cozinha para finalizar o "Cardápio de Gin".

Um pouco mais tarde.

Para além das janelas, o céu azul escuro é iluminado por alguma estrela distante.

"Que lugar... é espetacular", diz Gin.

Step sorri e coloca a garrafa de Traminer no balde de gelo.

—Sim, é lindo.

—Mas como você fez isso?